



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

SÓNIA FERNANDA MARINHO DA CUNHA

**A simbólica Cristã da Unidade Letiva 2 “Jesus nasceu”, no 1º ano do 1º
ciclo do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2015

“Os bons professores são didáticos, os professores fascinantes vão além disso.

Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos.

Seja um professor fascinante, fale com uma voz que expresse emoção.”

Augusto Cury

Muitos foram os que, de uma forma ou de outra, foram cúmplices no meu trabalho e partilharam comigo as alegrias e as angústias que dele decorreram. Não podendo mencionar o nome de todos, pois correria o risco de me esquecer de alguém, no entanto quero agradecer a cada um, o facto de me fazerem acreditar que apesar das dificuldades eu conseguiria.

À minha família pelo apoio e amor.
Ao João por me mostrar a esperança e a alegria da vida.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO -----	6
CAPÍTULO I – A SIMBÓLICA DO NATAL E EXPRESSÃO ARTÍSTICA	
1. Significado dos símbolos -----	8
<i>1.1. O símbolo religioso</i> -----	11
<i>1.2. Simbologia do Advento</i> -----	13
<i>1.3. Símbolos do Natal</i> -----	15
1.3.1. O Presépio como representação artística do Natal ----	17
1.3.2. As tradições do Natal Cristão -----	20
2. Descobrir a simbólica cristã (Meta Curricular do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica) -----	23
3. Educar pela arte -----	26
4. Síntese conclusiva -----	27
CAPÍTULO II – O ENSINO DA RELIGIÃO NA ESCOLA -----	28
1. Razão histórico-cultural, antropológica e ético-social -----	29
2. Educação Moral e Religiosa Católica – contributo para a formação da personalidade do aluno no 1º ciclo -----	32
3. Relação pedagógica do professor -----	35
4. Síntese conclusiva -----	37
CAPÍTULO III – “JESUS NASCEU” – REFERENCIAL TEÓRICO, PEDAGOGIA, DIDÁTICA E AVALIAÇÃO	
1. A criança entre os 6 e os 11 anos de idade -----	38
2. Apresentação da Unidade Letiva 2 “Jesus Nasceu” do 1º ano -----	39
3. Pedagogia e Didática	
3.1. <i>Aula nº 1 – Símbolos do Advento: calendário e coroa do Advento</i> -----	44
3.2. <i>Aula nº 2 – A história do Natal e os símbolos do Natal</i> --	48
3.3. <i>Aula nº 3 – A representação do Natal através do Presépio</i> -----	52

3.4. Aula n° 4 - <i>Descobrir que Jesus nos ensina a ser bondosos: elaboração do postal de Natal</i> -----	54
3.5. Aula n° 5 – <i>Os três Reis Magos</i> -----	57
4. Avaliação da Unidade Letiva -----	60
CONCLUSÃO -----	62
BIBLIOGRAFIA -----	63
ANEXOS -----	69

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Moral e Religiosa Católica, pretende dar conta do estudo desenvolvido ao longo do ano de estágio centrado no tema do Natal, enquanto festa cristã, e o sentido das suas tradições no 1º ano do 1º ciclo. O Natal atualmente é uma festa marcadamente consumista esquecendo que o Natal é iminentemente cristã e familiar. Nesse sentido proponho fazer um trabalho, sobre a Unidade Letiva (UL) 2 do 1º ano “ Jesus Nasceu”, de acordo com o programa de Educação Moral e Religiosa Católica definido pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã (SNEC).

A escolha deste tema para um desenvolvimento teórico-prático, resulta do meu interesse em trabalhar com crianças nesta faixa etária entre os 6 e 10 anos de idade e com “o entusiasmo com que os pequeninos vivem o Natal mostra bem como há uma percepção do Mistério da vida que lhes está próximo. Sem precisar de grandes recursos da racionalidade eles avizinham-se do essencial, conduzidos sobretudo pela linguagem insinuante dos símbolos. E não há dúvida de que, nesta simplicidade tão singular, as crianças protagonizam formas de compreensão profundas daquilo que o Natal constitui.”¹

O símbolo nesta faixa etária está sempre presente na memória das crianças que o associam a algo próximo, recordações e relações com as pessoas que lhes são próximas. A criança exprime-se pela linguagem simbólica, nomeadamente quando faz um desenho e o oferece a alguém muito especial para ela, é a maneira que ela tem de exprimir os sentimentos (e de ser pessoa).

Todo o meu trabalho de investigação versará sobre os símbolos e tradições do Advento e do Natal e as suas tradições. O símbolo é um elemento muito importante e essencial em todo o processo de comunicação, principalmente quando estamos diante uma turma que consegue identificar algumas letras e poucas palavras. Os alunos do 1º ano no 1º ciclo, no programa de Português, iniciam a aprendizagem pelas vogais (ditongos) e depois as consoantes², por isso o recurso à imagem/símbolo, leitura, entoação de canções alusivas ao Natal e dramatização da história do nascimento de Jesus, são algumas estratégias e recursos que utilizo.

¹ José TOLENTINO MENDONÇA, *O Hipopótamo de Deus – Quando as perguntas que trazemos valem mais do que as respostas provisórias que encontramos*, 77.

² No programa de Português do 1º ano do 1º ciclo até ao Natal está planificado que começam por aprender: i, u; ditongos iu, ui; o, a e, ditongos oi, ou, ei; consoantes p, t, m, c, v, r, n, g, b. A palavra Natal, como tem um caso de leitura –al só a saberão ler no terceiro período quando começam a aprender os casos de leitura.

“A fé impregna muitos símbolos porque são a forma de linguagem que melhor lhe permite exprimir-se. Familiarizar a criança com os símbolos da nossa fé introdu-la na linguagem bíblica, permite-lhe aproximar-se do mistério de Deus e entrar nas expressões litúrgicas da Igreja.”³

Uma vez que, irei abordar a unidade letiva 2 “Jesus Nasceu”, esta será lecionada no final de novembro e terminará no dia seis de janeiro dia de Reis, que coincide com o calendário do tempo litúrgico. Celebrar o Natal é celebrar o nascimento de Jesus Cristo e todas as celebrações requerem uma preparação, e por isso no Advento preparamo-nos para a grande celebração que se aproxima – o Natal.

O Natal é uma festa cristã carregada, de encanto para os mais pequenos, e muita simbologia: a estrela, os anjos, o sino, o pastor, reis magos e a constituição do presépio (menino Jesus, Maria, José e os animais do estábulo). Não podemos esquecer também as tradições associadas à festa do Natal que devem ser bem explicadas às crianças, assim como, fazer uma breve ligação das tradições cristãs à festa de Natal.

As metas curriculares fornecem uma visão daquilo que se pretende alcançar, permitindo ao professor a concentração naquilo que é essencial para ajudar a delinear as melhores estratégias de ensino. Devem por isso ser ensinados aos alunos os conteúdos fundamentais, para dar cumprimento à planificação da Unidade Letiva, que se encontra (mais explicada) no último capítulo deste trabalho.

³ Maria José BRUNO, *O despertar religioso – A descoberta da espiritualidade da criança dos 0 aos 6 anos*, 113.

CAPITULO I – A SIMBÓLICA DO NATAL E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

O símbolo é o primeiro elemento constitutivo, o mais denso que necessita de muita explicação para ser compreendido e explorado hermenêuticamente. Toda a expressão religiosa é simbólica, e por isso este primeiro capítulo falará dos símbolos e de toda a antropologia adjacente. Os símbolos recolhem o conteúdo da experiência do ser humano, que expressa ação significativa, são também a necessidade de expressar algo que está ausente.

1. Significado dos símbolos

O símbolo tem origem no termo grego (*symbolon*), designa um elemento representativo que está, realidade visível, no lugar de algo, realidade invisível, e que pode ser um objeto, conceito ou ideia. O símbolo é um elemento importante e essencial no processo de comunicação. Se admitirmos que os sinais militares, as fórmulas de cortesia, os sinais de reconhecimento, os sinais convencionais e o alfabeto dos surdos-mudos, a conceção antropológica dos símbolos compara estes sinais e as diversas linguagens socioculturais.⁴ Os símbolos sempre tiveram uma forte presença em culturas passadas, são um elemento muito eficaz de transmitir um conceito e ideia, especialmente porque é um elemento visual com uma simplicidade estrutural que faz com que se fixe rapidamente na percepção e também na memória.

“Nas civilizações primitivas e nas sociedades antigas, os símbolos não são resumos de um enunciado que resultariam do discurso ou do conceito, mas expressões globais evocadoras de uma situação de comunicação verbal por intermédio dos gestos rituais.”⁵

Embora existam símbolos que são compreendidos intencionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto como por exemplo o contexto religioso ou cultural. No contexto religioso o símbolo intensifica a relação com o transcendente.⁶ “O símbolo é a linguagem da transcendência.”⁷

O símbolo surge pela necessidade e capacidade de representar algo que está ausente através de uma imagem e ao longo da nossa vida nos gestos e na linguagem sem que nos apercebamos (ou não) cada um de nós utiliza os símbolos, estes dão rosto aos desejos, sonhos incitam a um determinado empreendimento, modelam comportamentos

⁴ Cf. René ALLEAU, *A Ciência dos Símbolos*, 50.

⁵ René ALLEAU, *A Ciência dos Símbolos*, 55.

⁶ Cf. José Maria MARDONES, *La vida del símbolo*, 17-18.

⁷ José Maria MARDONES, *La vida del símbolo*, 17.

e são de grande interesse para algumas disciplinas (história, antropologia, ciência, psicologia) pela sua formação, disposição e interpretação.⁸ A maior contribuição para o desenvolvimento da personalidade vem dos símbolos, possui uma expressividade luminosa ou eficácia prática no plano dos valores e sentimentos situando o homem numa imensa rede de relações, o homem não se sente um estranho no universo.⁹

O símbolo também cumpre uma função pedagógica; ele causa sentimento fazendo sentir tanto à criança como ao ser humano que não são seres isolados no vasto conjunto que os rodeia. Desenvolve-se o pensamento mediato de compreensão por meio de um signo. Mas esta simbolização forma-se progressivamente. Na criança no estágio da imaginação restrita (porque o imaginário encontra-se deturpado, estereotipado e recalçado pela grande imaturidade psicofisiológica da criança) os processos são elaborados muito lentamente à distância do mundo que permitem a reflexão simbolizante pelas valorizações parentais até pelas brincadeiras.¹⁰ A linguagem simbólica é a mais acessível às crianças pois é a linguagem dos sentidos e da afetividade. Esta linguagem simbólica concretiza-se nas imagens, ícones e fotografias expressivas abrindo novas perspectivas à representação religiosa, sendo uma linguagem excelente para as crianças que olham e interpretam mesmo antes de saber ler.¹¹

“De facto os símbolos participam decisivamente na formação da criança e do adulto, não só como uma expressão espontânea e como comunicação adaptada, mas também como meio de desenvolver a imaginação criadora e o sentido do invisível; mas também têm de permanecer como um fator de integração pessoal e não se transformar num risco de desdobramento da personalidade.”¹²

O mundo dos símbolos ajuda e ensina o ser humano a viver. Resistir aos símbolos seria suprimir uma parte de nós e empobrecer a natureza, um mundo sem símbolos provocaria a morte espiritual do homem.¹³

⁸ Cf. Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 9; Gabriel AMENGUAL, *Antropologia Filosófica*, 124.

⁹ Cf. Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 21.

¹⁰ Cf. René ALLEAU, *A Ciência dos Símbolos*, 272.

¹¹ Cf. Miguel Ângelo GOMES, *O ensino da religião no jardim de infância*, 142.

¹² Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 22.

¹³ Cf. Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 22.

“A imagem só adquire valor de símbolo se o espectador consentir numa transferência imaginária, na realidade simples, mas complexa para a análise, transferência que o coloca no interior do símbolo e que coloca o símbolo no interior do homem, cada um participando da natureza e do dinamismo do outro, numa espécie de simbiose.”¹⁴

De acordo com as palavras de “Georges Gurvitch, *os símbolos revelam velando e encobrem revelando.*”¹⁵ O símbolo vive da evocação e sugere o ausente, pois ele é uma linguagem universal. Cada povo, cada grupo tem os seus símbolos e entrar no mundo dos símbolos do povo, do grupo e da pessoa é conhecer a fundo esse mesmo povo, grupo e pessoa. Desta forma podemos ver como o símbolo conduz para além do conhecimento universal, não é uma simples comunicação de conhecimentos mas uma convergência de afetividade.¹⁶ O ser humano é um animal linguístico “todo o especificamente humano depende da linguagem” para poder comunicar entre si.¹⁷

Com efeito, a produção linguística através da voz e dos sons que formam a língua, não são mais que um sistema de signos articulados por regras e esse conjunto de regras formam uma gramática. Podemos afirmar que o Homem cria a linguagem, cria os símbolos e por isso é um animal simbólico e simbolizante que criou a linguagem na sua infinidade de formas e conteúdos. Esta criação da linguagem implica uma posição de linguagem como “sistema de produção linguística”.¹⁸

*“O Mundo que fala através do símbolo, escreve C. G. Jung. Quanto mais arcaico e profundo for o símbolo..., mais se torna coletivo e universal. Quanto mais abstrato, diferenciado e específico, pelo contrário, mais ele se aproxima da natureza de particularidades e de factos únicos conscientes, mais ele se encontra despojado da sua qualidade essencial universal.”*¹⁹

¹⁴ Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 22.

¹⁵ Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 9.

¹⁶ Cf. Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 23.

¹⁷ Gabriel AMENGUAL, *Antropologia Filosófica*, 127.

¹⁸ Cf. Gabriel AMENGUAL, *Antropologia Filosófica*, 141.

¹⁹ Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 29.

1.1. O símbolo religioso

O símbolo é muito importante para a religião, sem símbolo não há representação religiosa, podemos mesmo dizer que “a religiosidade *teatraliza* de alguma maneira um encontro do homem com outra realidade, o sagrado, o Mistério que se representa num cenário onde reinam as pautas simbólicas.”²⁰

Se tivermos em atenção a história das religiões o fenómeno religioso é caracterizado por uma relação afetiva com a realidade transcendente, é todo um conjunto de rituais (liturgia, orações, doutrinas) compreendem-se na razão de uma relação afetiva com essa realidade que qualificamos como transcendente.²¹

O símbolo é um acontecimento pois religa o ser humano a um ser transcendente quer para o cristianismo como para outras religiões. O cristianismo serviu-se dos elementos simbólicos para apresentar muito cedo e interpretar a mensagem da salvação em função dos elementos simbólicos presentes no meio que os rodeava, onde o cristianismo se difundiu e enraizou culturalmente. Este processo torna-se perceptível nos elementos mais antigos da iconografia, desde o tema do Bom Pastor²², como a pomba ou a Fénix, símbolo da imortalidade.²³

“Os padres da Igreja interpretaram as vicissitudes terrestres da Igreja, voltando a utilizar mitos e lendas da Antiguidade clássica e misturando-os com símbolos bíblicos: a Igreja como um ‘barco de salvação’, tornado sólido pelo mastro que é a cruz de Cristo (Cristo que a conduz por intermédio dos seus pastores) e que navega por uma mar infestado de dragões perigosos que ameaçam sem cessar a vida dos passageiros. Outros aspetos essenciais da vida cristã, como os sacramentos, estão impregnados de um profundo simbolismo, desde aquele do peixe ao do banho batismal, carregado de valores fundamentais (...). A Santa Ceia reutiliza também o simbolismo tradicional do vinho que reenvia ao mistério do sangue de Cristo derramado em sacrificio expiatório para a salvação dos crentes.”²⁴

²⁰ José Maria MARDONES, *La vida del símbolo*, 89.

²¹ Cf. José Maria MARDONES, *La vida del símbolo*, 90.

²² Nos começos do século III, Clemente de Alexandria, fixou uma regra fundamental para a utilização cristã dos símbolos pagãos. Aqueles símbolos podiam ser aceites e reinterpretados (ex. o do Bom Pastor) se eram neutros em si próprios; contudo deviam ser recusados os que repugnassem à moral cristã ou aqueles que estivessem relacionados com o culto politeísta idolátrico. No Cristianismo primitivo o “Credo” era, às vezes, denominado como “símbolo da fé”. Reenvia provavelmente ao significado antigo do símbolo como sinal e testemunho de reconhecimento entre amigos: o Credo é um símbolo da comunhão de fé entre os crentes.

²³ Cf. Giovanni FILORAMO, *Diccionario das Religiões – Cristianismo II*, 132.

²⁴ Giovanni FILORAMO, *Diccionario das Religiões – Cristianismo II*, 132.

Na tradição cristã o símbolo é a *ponte* lançada entre o mundo da vida e a realidade transcendente. A fé cristã expressa-se através dos símbolos, e toda a cultura é uma produção de símbolos. Pois o mundo está repleto de símbolos e que são uma forma de comunicação através dos quais o homem expressa-se e comunica a sua riqueza interior. Os símbolos também são utilizados como uma forma de conhecimento e aproximação da intimidade de Deus. “Deus pode revelar-se através de símbolos. A religião, assim como toda a cultura, não pode existir sem os símbolos.”²⁵

O símbolo, para a tradição católica, é um sinal exterior / realista que reenvia para um encontro real os sacramentos, permitindo assim, uma relação com Deus, pois a nossa relação com Deus precisa de símbolos. Toda a criação apresenta uma relação do ser humano com o símbolo, sendo este um meio através do qual entra em contato com Deus. Da mesma forma a “Igreja é um caminho para chegar a Cristo, o Filho de Deus. A Igreja expressa o seu mistério através de uma linguagem simbólica, nas celebrações, por um conjunto de sinais. Toda a vida eclesial é essencialmente simbólica. Os fiéis alimentam a sua fé e unem-se a Cristo através dos símbolos.”²⁶

Os símbolos religiosos realizam-se e vivenciam-se principalmente através de ações sagradas: os ritos. Os ritos constituem os atos de culto de todas as religiões, mas no cristianismo é lugar principal para a vivência dos símbolos dentro da religião. Sem o rito a religiosidade morre. “Não existe sociedade humana sem ritos. Os ritos periódicos são importantes para ordenar o tempo, o espaço através do calendário de festas e celebrações da comunidade.”²⁷ Os ritos regulam tanto as disposições do universo, o movimento dos astros, a periodicidade das estações e os anos, como as relações dos homens com Deus e, finalmente, dos homens entre si, através do calendário de festas e celebrações da comunidade.

O rito tem uma função doadora de sentido de segurança ao ser humano na construção da sociedade, cria propriamente o tempo, articula e ordena a sociedade ajudando na estruturação da vida graças ao calendário litúrgico de festividades e celebrações. Esta realização periódica do rito assegura, apesar da desorganização social, que tudo está bem, está como deveria estar. No calendário cristão, o ano litúrgico com o seu calendário semanal e as principais festas assinalam a anunciação de Jesus Cristo o sentido e o ritmo da vida social e da cultura ocidental.²⁸

²⁵ Urbano ZILLES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 11.

²⁶ Urbano ZILLES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 13.

²⁷ José Maria MARDONES, *La vida del símbolo*, 168.

²⁸ Cf. José Maria MARDONES, *La vida del símbolo*, 167-169.

1.2. Simbologia do Advento

A palavra Advento é de origem profana mais precisamente germânica. Culturalmente significava a vinda anual da divindade, já na linguagem civil, designava a primeira visita oficial de uma entidade política.

A igreja católica organizou, num calendário²⁹ centrado na pessoa de Jesus Cristo, as festas e as celebrações que recordam e trazem presente a vida, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo – o ano litúrgico. O Advento inicia o ano litúrgico (antecede assim o Natal) e significa “chegada”. O Advento é o tempo de preparação para a celebração do nascimento de Jesus Cristo. O Advento é constituído por quatro domingos³⁰, sendo que o primeiro domingo tem início próximo do final do mês de novembro e termina na véspera de Natal. O Advento é um tempo de recolhimento preparação de penitência e de conversão refletindo-se nas celebrações litúrgicas e na preparação das Igrejas.³¹

“No dia a dia do Advento avançamos pelo mistério do Natal adentro. O mundo secular e religioso agita-se em torno deste acontecimento, que marca a história do cosmo e dos humanos com uma aliança de amor. No primeiro domingo do Advento ouvimos pela boca do profeta Isaías: ‘Preparai no deserto o caminho do Senhor’ (Is 40,3).”³²

Celebrar o Natal é celebrar o nascimento de Jesus Cristo, filho de Maria, José e filho de Deus. De acordo com o calendário litúrgico esta festa é preparada pelo advento e começou a ser celebrada desde o século IV da nossa era. ³³São Gregório Magno (590-604) foi o primeiro Papa a redigir um ofício para o Advento, promovendo missas

²⁹ O calendário é um conjunto de unidades de tempo (dias, meses, estações e anos) organizadas com o propósito de medir e registar acontecimentos. O calendário usado no ocidente (e o mais usado em todo o mundo) chama-se Calendário Gregoriano, por causa do Papa Gregório XIII que o promulgou a 24 de fevereiro de 1582. A contagem do tempo centrou-se num acontecimento histórico – o Nascimento de Jesus Cristo – a partir do qual se procedeu à contagem dos anos dividindo o tempo em duas eras a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo).

³⁰ A vida é marcada por muitos ritmos e o descanso semanal é uma necessidade própria do ser humano. Os Cristãos (a partir do século IV – no Concílio de Niceia) em memória da ressurreição de Jesus Cristo e da nova criação começam a semana ao domingo, ou seja, o *Dia do Senhor*, ao contrário dos Judeus que concluem a semana ao sábado recordando a criação. O domingo cristão pressupõe o descanso, o repouso e está associado ao culto e ligado à liturgia, e ainda à legislação eclesiástica e às relações com o Estado, mas hoje, a sua existência e finalidade está cada vez mais afetada devido à secularização.

³¹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 66.

³² Isabel VARANDA, *Na noite mora a promessa*, 25.

³³ Urbano ZILLES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 17 e 18.

próprias para os domingos desse tempo litúrgico. No século IX numa carta do Papa São Nicolau (858 – 867) pode ler-se a redução da duração do tempo de Advento para quatro semanas, mas é na liturgia romana que o Advento torna o seu sentido mais amplo.³⁴

A celebração do nascimento de Jesus é feita através da preparação. Esta preparação costuma iniciar-se com uma coroa de ramos verdes e quatro velas – a **coroa do Advento** é um sinal desta preparação que é feita para a celebração do nascimento de Jesus Cristo e também sinal desta grande esperança. A coroa do Advento também quis simbolizar o tempo desde a criação do mundo até ao fim dos tempos.³⁵ “No inverno, acendiam-se algumas velas que representavam *o fogo Deus do sol* com a esperança de que a sua luz e o seu calor voltasse. Os primeiros missionários aproveitaram esta tradição para evangelizar, relacionando-a com Jesus Cristo”.³⁶ Jesus Cristo é a luz do mundo. E foi assim que criaram a coroa do Advento carregada de símbolos, ensinamentos e lições para vida.

A forma circular simboliza a eternidade e a perfeição, uma vez que não tem princípio nem fim sinal do amor eterno de Deus. Os ramos verdes são a cor da esperança e da vida. A luz que se acende indica o caminho. As quatro velas colocadas na coroa do Advento representam as quatro semanas que antecedem o Natal, e à medida que se vai aproximando o Natal também representa a aproximação da chegada até nós Daquele que é a luz do mundo – Jesus Cristo. O número quatro, das quatro velas, podem também simbolizar os quatro evangelistas.³⁷

“No Advento já é Natal e no Natal continua a ser advento. É Natal no Advento porque, também no Advento, Jesus (re)nasce em cada um de nós. E é Advento no Natal porque o Natal celebra a grande vinda de Jesus à nossa história, à nossa vida.”³⁸

³⁴ Cf. <http://www.arautos.org/view/show/5717-advento-significado-e-origem> (consultado em 17/11/2014).

³⁵ Cf. Urbano ZILLES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 25 e <http://www.abcdacatequese.com/> (consultado em 17/11/2014).

³⁶ <http://www.abcdacatequese.com/> (consultado em 17/11/2014).

³⁷ Cf. <http://www.arautos.org/view/show/5717-advento-significado-e-origem> e <http://www.abcdacatequese.com/> (consultado em 17/11/2014).

³⁸ João António PINHEIRO TEIXEIRA, *Afinal, é sempre Natal*, 9.

1.3. Símbolos do Natal

A cultura é uma produção de símbolos, através dos quais o Homem expressa-se, comunica e troca a riqueza interior. A religião -como toda a cultura- não pode existir sem os símbolos, pode até considerar-se como um sistema de símbolos para a comunicação com Deus.³⁹

O Natal é uma expressão de fé e de cultura onde o Homem expressa-se simbolicamente, a **estrela** tornou-se num símbolo muito importante no nascimento de Jesus Cristo. Para os Cristãos a estrela é a luz do mundo, pois lembra a estrela de Belém que guiou os Reis Magos até junto do presépio, segundo o evangelho de S. Mateus impeliu os magos a porem-se a caminho. “E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o Menino. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria.” (Mt 2,9-10). A estrela é colocada no cimo do pinheiro que aponta para o céu e diz-nos que Jesus é Filho de Deus é a estrela Guia da Humanidade, é o caminho, o sentido, a verdade e a vida.⁴⁰

Os **anjos**, “não há anjos no Presépio.”⁴¹ Embora faça parte da elaboração do presépio, os anjos não fazem parte da integração do presépio. Os anjos, no evangelho de São Lucas, aparecem nos campos dos pastores. Houve também um anjo que anunciou a Maria “Eis que vais ficar grávida, terás um filho e dar-Lhe-ás o nome de Jesus.” (Lc 1,31) Ora, o anjo aqui foi um mensageiro de Deus.

“Na nossa infantilidade, gostamos de mostrar o Menino servido por uma corte de anjinhos. Por isso é que há anjos no nosso Presépio. E é indispensável que haja anjinhos no presépio. Mas, isso sendo bellissimo e indispensável, constitui, em grande medida, um erro técnico. (...) Os anjos merecem todo o nosso respeito (...) porque são seres superiores. (...) devemos honrá-los porque apenas surgem com ordens de Deus.(...) é preciso venerar os anjos porque a nossa dívida para com eles é imensa. (...) São Tomás de Aquino explica: *o homem enquanto se encontra neste estado de vida está, de certa forma, numa estrada por onde deve viajar até ao céu. Neste caminho ele é ameaçado por muitos perigos quer de dentro quer de fora (...) Ora como guardas são nomeados para acompanhar quem tem de passar por estradas perigosas, também um anjo da guarda é atribuído a cada homem enquanto ele é viajante.*”⁴²

³⁹ Cf. Urbano ZILLES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 11-13.

⁴⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *A Pérola*, manual do 1º ano, 33-34.

⁴¹ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 111.

⁴² João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 114.

O simbolismo do **sino** está relacionado com a percepção do som. O sino colocado nas torres das igrejas também é considerado o relógio popular, tendo ainda mais importância nas festas. No Natal, o sino atinge o esplendor máximo. Os sinos distinguem o som nos céus e as suas badaladas, na noite de Natal, anunciam o nascimento de Jesus. Neste sentido os sinos assinalam a passagem para a nova era, para aquele que veio ensinar e salvar a humanidade – Jesus Cristo.⁴³

O **pastor** faz parte de uma civilização nómada, criadores de gado, e a imagem do pastor está repleta de simbolismo religioso. O simbolismo do pastor está associado ao exercício da vigilância, está desperto e vê.⁴⁴ São homens simples do campo que simbolizam a simplicidade de todos, na medida em que Deus acolhe todos sem discriminar ninguém. “Os pastores são os últimos da sociedade, e não entram nas contas de ninguém (...) mas entram nas contas de Deus. É também aos pastores de Belém que o mensageiro celeste anuncia a Alegria do nascimento de um Salvador para todo o povo.”⁴⁵

“Os pastores, tinham muita fé, e por isso ficaram tão contentes por ter nascido Jesus, que foram por todo o lado espalhar a notícia.”⁴⁶

A designação da palavra **Reis Magos** teve origem no evangelho à luz do Antigo Testamento em salmos 68,30 e 71,11. O dia de Reis é celebrado a 6 de janeiro. De acordo com o evangelho de São Mateus (Mt 2,1-12) os reis magos foram guiados por uma estrela até ao estábulo, local do nascimento do menino Jesus.⁴⁷ “O que aqueles homens do Oriente sabiam sobre aquele que procuravam é bastante indefinido. Eles são claros ao dizer que apenas interpretaram a estrela como significando o nascimento do *rei dos judeus* a quem querem *adorar*”.⁴⁸ Os nomes dos reis magos, Baltazar, Melchior e Gaspar, surgem mais tarde atribuindo uma representação aos povos conhecidos naquela altura, simbolizando a adoração de todos os povos da terra ao menino Jesus.⁴⁹

“Nos seus presentes, manifestam mais uma vez como são. As ofertas são típicas de sacerdotes pagãos dos mistérios iniciáticos. Surge aqui o ouro venal de Simão, o *Mago*, o incenso místico dos budistas e a mirra do culto egípcio dos mortos. Mas também esses instrumentos de idolatria se

⁴³ Cf. <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-natal/> (consultado em 11/05/2015).

⁴⁴ Cf. Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, 506.

⁴⁵ Homília de D. António Couto na noite de Natal, 24 de dezembro 2012, Lamego.

⁴⁶ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *A Pérola*, manual do 1º ano, 39.

⁴⁷ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 88.

⁴⁸ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 158.

⁴⁹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 88.

transformam, pela graça de Deus e pela mão dos magos, em elementos proféticos, manifestando o recém-nascido como rei, Deus e mortal. Pelo testemunho destes estrangeiros, pertencentes ao grupo dos inimigos mais irredutíveis do Menino, manifesta-se a sua realidade. São eles que, no Presépio, melhor revelam todo o mistério daquela criança.”⁵⁰

Podemos então dizer, que os reis magos “representam o caminho das religiões para Cristo, bem como a autossuperação da ciência rumo a Ele. (...) E assim os sábios vindos do Oriente tornaram-se reis, e com eles entraram no presépio os camelos e os dromedários. (...) O pensamento decisivo que nos fica é este: os sábios do Oriente constituem um início, representam o encaminhamento da humanidade para Cristo, inauguram uma procissão que percorre a história inteira. Não representam apenas as pessoas que encontraram o caminho até Cristo, mas também a expectativa interior do espírito humano, o movimento das religiões e da razão humana ao encontro de Cristo.”⁵¹

1.3.1 – O Presépio como Representação Artística do Natal

O presépio é uma representação artística do nascimento de Jesus, talvez a mais sublime das manifestações de caridade. As primeiras representações em pinturas, relevos ou frescos terão sido por volta do século IV, sendo atribuídas a Santa Helena, mãe do imperador Constantino. Constantino foi imperador de Roma entre os anos 272 e 337 e ao decretar liberdade de culto no império, o Cristianismo transformou-se na principal religião.⁵² A celebração do nascimento de Jesus fez com que muitos peregrinos se deslocassem a Belém, local onde se pensa que Jesus nasceu, desde os primeiros séculos do Cristianismo. Mas as primeiras representações teatrais da cena do nascimento de Jesus terão ocorrido a partir do século XIII com São Francisco de Assis.

“ A suprema aspiração de Francisco, o seu mais vivo desejo e mais elevado propósito, era observar em tudo e sempre o Santo Evangelho e seguir a doutrina e os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com suma aplicação da mente e fervor do coração. Reevocava as suas divinas palavras em meditação assídua e jamais deixava de ter presentes, em aprofundada contemplação, os passos da

⁵⁰ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 159.

⁵¹ Joseph RATZINGER / Bento XVI, *Jesus de Nazaré – A infância de Jesus*, 82-83.

⁵² Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 80.

sua vida. Tinha tão vivas na memória a humildade da Encarnação e a caridade da Paixão, que lhe era difícil pensar noutra coisa.”⁵³

Três anos antes da sua morte (São Francisco de Assis) na noite de 24 de dezembro de 1223, celebrou a missa de Natal com uma representação cénica, numa gruta da floresta de Greccio, a fim de estimular a devoção da povoação daquela população. A forma como Deus tinha nascido causava-lhe muita alegria e espanto e São Francisco de Assis também queria que aquelas pessoas sentissem a mesma alegria que ele. Preparou uma noite de Natal diferente.⁵⁴

“Mandou preparar uma manjedoura com palha, e trazer um boi e um burrito. Convocaram-se muitos irmãos; vieram inúmeras pessoas; pela floresta ressoaram cânticos alegres... Essa noite venerável revestiu-se de esplendor e de solenidade, iluminada por uma infinidade de tochas a arder e ao som de cânticos harmoniosos. O homem de Deus estava de pé diante do presépio, cheio de piedade, banhado em lágrimas e irradiante de alegria. O altar dessa missa foi a manjedoura. Francisco, que era diácono, fez a proclamação do Evangelho. Em seguida dirigiu a palavra à assembleia, contando o nascimento do pobre Rei, a quem chamou, com ternura e devoção, o Menino de Belém.”⁵⁵

Deve-se então, a São Francisco de Assis, a representação e encenação do nascimento de Jesus por toda a Europa, e por este motivo os padres franciscanos são considerados verdadeiros pioneiros na construção de presépios.

O menino Jesus é a peça mais pequena do presépio, e nem por isso menos importante, devido ao seu nascimento o mundo mudou. O mundo mudou com o presépio, a história ficou dividida em duas partes em todo o mundo, um antes e um depois de Cristo.⁵⁶ “A escolha da data tradicional de 25 de dezembro (que coincide quase com o do solstício do inverno) para festejar a natividade de Jesus aparece apenas no século IV, após o Cristianismo ter sido oficialmente reconhecido pelo Estado e devido à exigência dos cristãos de definirem o seu próprio calendário litúrgico.”⁵⁷

“Ora, Jesus foi visto como o sol nascente do Alto, como a luz do mundo. (...) assim a festa do Natal passou a substituir a festa do deus *sol invicto*, porque Jesus é o

⁵³ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 12.

⁵⁴ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 81.

⁵⁵ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 15.

⁵⁶ Cf. João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 65-71.

⁵⁷ Giovanni FILORAMO, *Dicionário das Religiões – Cristianismo II*, 166.

verdadeiro sol, a nova luz do mundo. (...) Para os cristãos, celebrar o Natal significa, antes de tudo, celebrar o nascimento de Jesus, filho de Maria e filho de Deus. O nome original da festa é ‘Natal do Senhor’. A figura central é, pois, Jesus Cristo.”⁵⁸

Num quadro histórico e teológico e de acordo com a narração do evangelho de São Lucas, José com Maria sua esposa que está grávida, deslocam-se a Belém. Jesus nasce em Belém, e é colocado numa manjedoura por Maria, deduzindo-se que terá nascido num estábulo (grutas). A manjedoura faz pensar nos animais em seu redor e no alimento que eles ali procuram. Desta forma a manjedoura torna-se numa alusão à mesa de Deus, para a qual é convidado o homem a fim de receber o pão de Deus.⁵⁹

No presépio, aparece sempre representada Nossa Senhora de joelhos a rezar. Todas as informações que conseguimos ter, hoje devemos ao Evangelho de São Lucas. Apesar de Maria ter sido a mãe de Jesus que também é filho de Deus, ela passou quase despercebida na sagrada escritura. Ao longo dos evangelhos repararmos que Jesus na infância e na sua vida pública tem sempre a sua mãe por perto mas vai passando quase despercebida. Da sua grandeza e humildade nasce o hino maravilhoso e único não apenas para as sagradas escrituras como também para a literatura mundial: o *Magnificat* (Lucas 1,47-49). E por isso, Maria, aparece a rezar porque é isso que ela faz em quase toda a sua existência e referência, quer em Nazaré, no céu e agora no presépio.⁶⁰

A figura do silêncio, São José, uma vez que aparece representado de pé encostado ao cajado a olhar para o menino Jesus. José é filho de Jacob, era da casa e da linhagem de David e carpinteiro. É um homem justo, santo mas um homem pecador que precisa de redenção. “O valor de São José é não ser um milagre. No milagre do presépio ele é o normal. Porque o Menino que está no centro do Presépio é um milagre espantoso, sublime e inconcebível. A Senhora que está ao seu lado, a Imaculada Conceição, é também ela um milagre único, excelsa, inimaginável. Mas São José é um homem, apenas um homem. Um homem silencioso que cumpre a Palavra do Senhor. Um homem que não diz palavra, para melhor escutar a Palavra de Deus, o Verbo de Deus Encarnado.”⁶¹

Nos presépios também costumamos ver a palha. A presença da palha não vem escrita nos Evangelhos, mas trata-se de uma dedução uma vez que o menino Jesus nasce numa manjedoura, e a palha é o alimento dos animais que serve de repouso para que o menino durma tranquilamente. A vaca também é uma animal que faz parte da

⁵⁸ Urbano ZILLES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 18.

⁵⁹ Cf. Joseph RATZINGER / Bento XVI, *Jesus de Nazaré – A infância de Jesus*, 53-61.

⁶⁰ Cf. João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 77-81.

⁶¹ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 83-88.

representação do presépio, ela aparece simplesmente porque é a dona do sítio. O presépio é um estábulo. No presépio a vaca representa “toda a humanidade. Representa aquela humanidade que, perante a luz magnífica que jorra do presépio, continua indiferente a mascar a palha que antes tinha, sem notar a mudança radical que aquele nascimento significa na sua vida.” Representa então a velha humanidade que já estava antes mesmo de acontecer o nascimento, “o Deus sublime nasceu num local concreto, palpável, terrestre. Tão humilde que até tem uma vaca.”⁶²

“Nenhuma representação do presépio prescindirá do boi e do jumento.”⁶³ O burro teve uma tarefa muito importante levava uma mulher, que parecia igual a tantas outras, mas esta mulher tinha dentro de si o Salvador. O único mérito do burro foi ter levado a carga até Belém, e acolher aquele que veio ter com ele – Jesus. ⁶⁴

“O presépio pode ser visto como algo mais alargado, englobando todas as figuras centrais. Nesse caso, ele é o conjunto da gruta, onde se abriga o recém-nascido. Finalmente, ele é todo o complexo de imagens e participantes que compõem a totalidade da cena. Desta forma, e de várias maneiras, devemos considerar o que está à volta do Presépio, e como isso ficou diferente pela presença do Presépio.”⁶⁵

Ao contemplar o menino deitado nas palhinhas numa manjedoura, faz-nos pensar que afinal “o presépio é o local das crianças. Todos contemplamos o Presépio, mas ele tem uma relação especial com os pequeninos, que ali se sentem à vontade. Por vezes fazem-lhe estragos, (...) apenas mostra como eles se sentem à vontade ali.”⁶⁶

1.3.2 – As tradições do Natal cristão

O Natal recorda aos cristãos o nascimento de Jesus Cristo e são muitos os preparativos, gestos e os caminhos do Natal Cristão aos quais associamos algumas tradições, nomeadamente o pai natal, a árvore de natal, a missa do galo, os cânticos tradicionais e a gastronomia.

Este talvez seja “o menos cristão dos símbolos natalinos – o Pai Natal.”⁶⁷ A figura do Pai Natal é normalmente associada a São Nicolau, festejado na Europa no dia 6 de dezembro e foi bispo de Mira (Ásia Menor por volta do século IV d.C.). Era um bispo muito caridoso e gostava de oferecer presentes às crianças, simbolizando a

⁶² João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 89-100.

⁶³ Joseph RATZINGER / Bento XVI, *Jesus de Nazaré – A infância de Jesus*, 62.

⁶⁴ Cf. João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 101-106.

⁶⁵ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 120.

⁶⁶ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 183.

⁶⁷ Urbano ZILLIES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 30.

bondade e o carinho de Deus.⁶⁸ A sua transformação como símbolo natalino decorreu na Alemanha e correu o mundo inteiro. “Mas foi apenas com a sociedade de consumo que começou a gestação mediática que levou São Nicolau a ‘tornar-se’ Pai Natal. Um dos marcos importantes da lenda foi o poema de Clement Clarke Moore (1779-1863) ‘Uma Visita de São Nicolau’ (‘A Visit from St. Nicholas’, conhecido como ‘The Night Before Christmas’) publicado anonimamente no jornal *Sentinel* de Nova Iorque a 23 de dezembro de 1823. Também a canção *Santa Claus Is Coming to Town*, popularizada por Eddie Cantor (1892-1964) na rádio em 1934 foi decisiva para dar à figura um papel central nas celebrações.”⁶⁹ Foi, portanto, uma imagem que se tornou muito popular através dos Estados Unidos da América e do Canadá, a partir do século XIX devido à influência da Coca-Cola com um propósito comercial nos anúncios dessa bebida emblemática.⁷⁰

O Pai Natal é apontado por muitos cristãos como um desvio da origem cristã do Natal, ligando esta figura à dimensão económica e consumista do Natal. A festa de natal é um acontecimento religioso mas também social e ao abordar o Natal com as crianças, esta deve ser uma abordagem não só social e familiar mas também de iniciação religiosa. Isto implica, para os educadores, um excelente contexto para uma educação nos valores autênticos do Natal, na medida em que o Natal é a festa da família, da tradição, da luz, da amizade e “aquilo que une a família, que segura a tradição, que cintila na luz e alimenta a amizade é a salvação sem a conhecer pelo nome”⁷¹. Desta forma não se deve colocar em conflito Jesus e o Pai Natal, nem excluir o Pai Natal.

“A criança tem necessidade de imaginação que lhe permite viver à sua medida (...) aquilo que é ‘maravilhoso’, porque fantasiado, não tem que ser abolido: o Pai Natal, a espera dos presentes, as surpresas, o ambiente de festa (...). Não é porque se dá lugar ao Pai Natal, que o Natal deixa de ser uma festa cristã, do mesmo modo que o Natal não será automaticamente uma festa cristã, somente pelo facto de se suprimir o Pai Natal, colocando Jesus em seu lugar.”⁷²

A árvore de Natal talvez seja o símbolo mais recente, associada ou não ao presépio, também pode ter uma leitura e interpretação cristã. Esta é uma tradição que remonta à idade média, século XVI, atribuindo-se a sua origem a Martinho Lutero (que

⁶⁸ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 30.

⁶⁹ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 191.

⁷⁰ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 190-191.

⁷¹ João César DAS NEVES, *As figuras do Presépio*, 194.

⁷² Miguel Ângelo GOMES, *O ensino da religião no jardim de infância*, 152.

terá enfeitado uma árvore para mostrar aos filhos como deveria ter sido bela a noite em que nasceu Jesus Cristo). Este costume terá sido inicialmente de origem pagã usado pelos romanos que enfeitavam árvores, em meados de dezembro, como oferta a saturno – o deus da agricultura e mais tarde terá sido cristianizado. A árvore normalmente usada era o abeto que se conservava sempre verde, em Portugal usamos o pinheiro, por ser uma árvore que para além de se manter verde por muito tempo, não perde a folha (símbolo da vida e como Cristo venceu a morte na árvore da cruz). Mas este simbolismo não se compadece da árvore de plástico e os enfeites, como as bolas e as fitas, deixam a árvore de natal mais alegre e são boas ações que nos tornam mais felizes.⁷³

Mais tarde acrescentaram-se as luzes à árvore lembrando as estrelas que iluminaram o céu na noite de Natal, invocando *Aquele* que é a *Luz do Mundo*, e de acordo com as palavras do Papa Francisco, destacando o simbolismo da luz na celebração do nascimento de Jesus “Natal sem Luz não é Natal”⁷⁴.

A tradição atribui a origem da denominação “Missa do Galo” ao apóstolo Pedro e tem origem em Espanha. Os camponeses, em memória do galo que cantou três vezes quando Pedro o negou, matavam um galo à meia noite, este era levado para a igreja e oferecido aos pobres. A missa do galo surgiu no século V, e é celebrada de 24 para 25 de dezembro à meia noite, atribuindo-lhe a missão de anunciar o nascimento do menino Jesus. Na celebração da missa do galo cantam-se cânticos de Natal, que nos ajudam a exprimir a felicidade por ter nascido Jesus Cristo. Com as canções também alegramos as pessoas que nos rodeiam e algumas são conhecidas no mundo inteiro.⁷⁵

As pessoas também festejam o Natal com uma refeição especial, mas os costumes de Natal são muito variados, de país para país. Em Portugal a ceia de Natal é tradicionalmente o momento mais importante onde se reúnem as famílias.⁷⁶ Esta tradição ganha muito mais interesse no Norte do país onde o Natal é uma grande festa – a festa da família. A mensagem (religiosa em família) de Natal é a vivência da alegria e do amor concretizada na partilha na fraternidade e na solidariedade.

⁷³ Cf. Miguel Ângelo GOMES, *O ensino da religião no jardim de infância*, 153; Urbano ZILLIES, *A significação dos símbolos Cristãos*, 28 e SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 87.

⁷⁴ <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/italia-papa-acendeu-luzes-da-maior-arvore-de-natal-do-mundo/> (consultado em 09/03/2015).

⁷⁵ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, manual do 6º ano, 83 e 84; SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *A Pérola*, manual do 1º ano, 45.

⁷⁶ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *A Pérola*, manual do 1º ano, 42.

2. Descobrir a simbólica Cristã (Meta Curricular do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica)

As metas curriculares fornecem uma visão o mais objetiva possível daquilo que se pretende alcançar, facilitando o ensino. Também permitem, ao professor, que se concentre naquilo que é essencial para ajudar a delinear e melhorar as estratégias de ensino. Estas metas devem identificar-se de forma clara para cada disciplina. Devem pois ser ensinados, aos alunos, os conteúdos fundamentais; uma ordenação sequencial ou hierárquica dos conteúdos; os conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos; e permitir avaliar o cumprimento dos objetivos e níveis esperados de desempenho.⁷⁷

A meta curricular ‘descobrir a simbólica cristã’ está inserida no domínio de aprendizagem (área de ensino que a disciplina compreende e que agrega logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer) cultura cristã e visão cristã da vida. Com esta meta pretende-se que o aluno do 1º ciclo mais especificamente do 1º ano conheça os símbolos cristãos do Natal (estrela, anjos, sinos, pastores, reis magos, saiba a constituição do presépio – Jesus, Maria, e José que representam o Natal). Para isso o docente deve ter em atenção que no 1º ciclo a carga horária prevista é de 60 minutos e que os alunos só atingirão as metas curriculares após a conclusão de todo o percurso escolar.⁷⁸

“O docente lecionará tendo em consideração a necessidade de facilitar aos seus discentes a aquisição da totalidade dos *Objetivos* previstos para as várias *Unidades Letivas* de cada Nível de Ensino, pois é a aquisição cumulativa e interativa desses *Objetivos* que permite ao aluno familiarizar-se com e interiorizar as **Metas Curriculares**.”⁷⁹

No desenvolvimento de cada unidade letiva estão presentes as três dimensões (Experiência Humana, Reflexão Religiosa e Interpretação Ético-moral) estão presentes mais que uma vez, mas cabe ao docente na planificação efetuada, fazer corresponder ao tema da Unidade e alinhamento dos seus conteúdos as necessidades interesses e motivações dos alunos, em cada turma, em cada Escola. “ A dimensão religiosa surge

⁷⁷ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 7-8.

⁷⁸ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 22-23.

⁷⁹ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014,9.

não só como objeto e produto da cultura, mas também como processo de leitura, interpretação e conhecimento da cultura e da realidade.⁸⁰

Como referência o docente deve ter em conta a planificação anual da disciplina e as características psicológicas de cada grupo de idades e como os alunos questionam e interpretam a realidade que os rodeia. Para isso segue um quadro resumo com as características psicológicas do aluno no 1º ciclo, pois é tempo de ir além do círculo familiar. O trabalho escolar deve proporcionar objetivos claros e oportunidades de sucesso para que a criança se mantenha motivada para crescer e aprender, evitando sentimentos de inadequação ou inferioridade.

Dimensão da Experiência Humana	Dimensão da Reflexão Religiosa	Dimensão da Interpretação Ético-moral
Autoconceito limitado ao concreto e observação simples das suas características. Perceção de que o pensamento e os sentimentos dos outros podem ser diferentes. Capacidade para inferir sentimentos, ideias e intenções do comportamento dos outros. A família tem muita importância; a vida na pequena sociedade da escola começa a mostrar que as pessoas desenvolvem cosmovisões diversas, expressas em hábitos de vida diferentes. Trabalhar e brincar em grupo é muito relevante.	Não há <i>insight</i> real de uma visão religiosa da vida; falta a experiência e a capacidade mental para pensar com lógica sobre ideias religiosas. Não entendem a natureza da Bíblia, encarada como autoritativa num sentido muito literal. Visão antropomórfica de Deus; Cristo é um homem bom, capaz de realizar milagres. Distinção entre o universo do religioso e as demais experiências.	É a rica experiência de viver entre os outros, de participar numa cultura comum, que forja, através do jogo e das oportunidades de aprendizagem, a importância da regra e da administração da justiça, numa etapa moral de heteronomia em que a autoridade está centrada no adulto. As consequências dos atos são mais importantes do que as intenções. Não se considera o ponto de vista do outro nem se tem sentido da sociedade. Alguma empatia e preocupação com as necessidades dos outros; culpa provocada por

⁸⁰ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 155.

<p>A aprendizagem faz-se com entusiasmo, de modo factual e processual: saber coisas, aprender as competências básicas da vida de estudante.</p>		<p>comportamentos que causam dano objetivo. Distinção entre convenções e regras morais; início de que o dano físico e psicológico é moralmente errado. Preocupação com a posse e relutância em partilhar.</p>
	<p>A imaginação apela para o desenvolvimento religioso (histórias, rituais, leis) alimentando a riqueza da personalidade e da consciência moral.</p>	

Quadro: caracterização psicológica dos alunos quanto às dimensões pedagógicas que referenciam o programa de EMRC.⁸¹

De acordo com o Papa Francisco “a nossa cultura perdeu a noção desta presença concreta de Deus, da sua ação no mundo; pensamos que Deus se encontra só no além, noutra nível de realidade, separado das nossas relações concretas. Mas, se fosse assim, isto é, se Deus fosse incapaz de agir no mundo, o seu amor não seria verdadeiramente poderoso, verdadeiramente real e, por conseguinte, não seria sequer verdadeiro amor, capaz de cumprir a felicidade que promete. E, então, seria completamente indiferente crer ou não crer n’Ele. Ao contrário, os cristãos confessam o amor poderoso de Deus, que atua verdadeiramente na história e determina o seu destino final; um amor que se fez passível de encontro, que se revelou em plenitude na paixão, morte e ressurreição de Cristo.”⁸²

No quotidiano da escola, por vezes difícil e complexo, transmite-se aos alunos através do uso da palavra e do exemplo e por isso é colocado ao docente desta disciplina o desafio da procura, séria dedicada e constante da verdade e da caridade, num contexto de diversidade cultural e da mudança civilizacional que experimentamos.⁸³

⁸¹ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 165.

⁸² Francisco, Carta Encíclica, *Lumen Fidei*, 17
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html (consultado em 26/04/2015).

⁸³ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 164.

“A fé faz compreender a arquitetura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança.”⁸⁴

3. Educar pela arte

A arte deve ser usada para educar crianças e jovens podendo também ser usada para a expressão pessoal, cultural e social. As manifestações da arte são encontradas desde que se conhece a vida do Homem, mas foi a partir do século V, que a afirmação de uma arte cristã favoreceu o recurso a imagens de Cristo e dos Santos. O decreto tridentino em 1563 em que a Igreja Católica determina que “a produção artística está submetida a um controlo central e destina-se exclusivamente a favorecer o desenvolvimento da devoção.”⁸⁵

A Igreja “aprendeu desde os começos da sua história, a formular a mensagem de Cristo por meio de conceitos e línguas dos diversos povos, e procurou ilustrá-la com saber filosófico. Tudo isto com o fim de adaptar o Evangelho à capacidade de compreensão de todos e às exigências dos sábios.”⁸⁶

De acordo com o artigo de João Duque, professor de Teologia de Braga, “Fé e Arte” publicado na revista “Brotéria”⁸⁷, existe uma verdadeira relação entre a fé a arte e isso é indiscutível, até mesmo em situações de conflito houve uma proximidade entre ambas. Existem três categorias que podemos estudar que aproximam a arte e a religião são elas: o dom, o símbolo e a utopia.

O dom é experimentar e viver essa realidade em atitude de acolhimento. A arte não é vista como mera produção humana, mas como dádiva, uma atividade artística em que há uma verdadeira escuta em relação à realidade – chamada também de interpretação e inspiração do artista (é uma dádiva gratuita de Deus – Dom). A arte significa uma habilidade para fazer ou produzir algo.

O fenómeno artístico não se reduz a uma mera criação, mas à receção de uma obra de arte por parte do público, enquanto algo que se nos dá a experimentar. No caso

⁸⁴ Francisco, Carta Encíclica, *Lumen Fidei*, 51 (consultado em 26/04/2015 http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html).

⁸⁵ Giovanni FILORAMO, *Dicionário das Religiões – Cristianismo II*, 136.

⁸⁶ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, 44.

⁸⁷ Cf. João DUQUE, *Fé e Arte*, “Brotéria”, 152 (2001) 445-464.

da música, a arte da escuta de sons que se interpretam numa obra musical de acordo com a realidade vivenciada do ouvinte. Também podemos acrescentar a pintura a arquitetura que interpreta a sucessão de imagens fazendo ver ouvir a realidade.

O teatro é uma arte de representação da realidade, envolvendo o público no próprio espetáculo, porque se deixa atingir pela obra representada. A literatura existe para ser lida, pois só neste processo de leitura acolhemos mundos novos que nos ajudam a construir a nossa identidade.

A obra de arte é resultado de uma capacidade que resulta em algo material – simbólico não é um aglomerado de matéria sem significado. É próprio de toda a arte dar corpo a ideias e transformar matéria em símbolos. A arte é a mais importante ação figurativa de uma cultura implicando a criação de figuras. A arte é, sempre e no concreto da sua articulação material simbólica, interpretação da realidade. Ler a realidade é interpretá-la.

Foi sensivelmente a partir da idade média que começam a desabrochar artistas individuais quer na pintura, música como também na área das letras. A arte marcou toda a modernidade desenvolvendo-se extraordinariamente as belas artes, assim como a consciência de que a arte é um elemento fundamental da vida humana.

A arte pode constituir-se como um instrumento pedagógico. Utilizar a arte na educação promove a reflexão crítica e estimula o pensamento. As obras de arte podem ser organizadoras da aprendizagem e a prática artística desenvolve uma atitude participativa. Utilizar a música na sala de aula, por exemplo, aumenta a concentração e assimilação de informação.⁸⁸

4. Síntese conclusiva

“Fixe o seu olhar em Jesus. Não arrume o Pai Natal num canto, se o tiver em casa, mas faça um presépio.

Se achar bem, ponha lá a árvore de Natal. Ponha lá os presentes para os seus filhos, mas, já agora, acrescente também qualquer coisa para dar aos mais pobres.

Não deixe, porém, de colocar bem no centro o Menino, o Menino Jesus. E, antes de começar a consoada, convide toda a sua família para contemplar um pouco este quadro, o quadro de um Deus que Se faz Menino e de um Menino que se faz Deus.”⁸⁹

De facto, a representação do presépio é a mais bela e sublime das manifestações de caridade. A meta curricular – “descobrir a simbólica cristã” ajudou a conhecer um

⁸⁸ Augusto CURY, *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, 120-122.

⁸⁹ João António PINHEIRO TEIXEIRA, *Afinal é sempre Natal*, 21.

pouco mais os símbolos cristãos do Natal. As palavras e os símbolos são necessários para falar de Deus às crianças. As crianças, muitas vezes, estão privadas de perceber os acontecimentos e relacioná-los com Deus. A secularização da cultura e a paganização dos costumes têm uma forte influência nas famílias e na educação das crianças. Mesmo os pais que assumem uma raiz católica e uma orientação cristã nas suas vidas e escolhas, já observam um afastamento e a indiferença religiosa a crescer apontando um abandono.⁹⁰

Cabe ao professor de Educação Moral e Religiosa Católica, concentrar-se no essencial e delinear as melhores estratégias de ensino para desenvolver no aluno uma referência e relação com Deus.

CAPITULO II – O ENSINO DA RELIGIÃO NA ESCOLA

De acordo com a organização curricular e programas no 1º ciclo, a Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas públicas é uma questão de primeira importância para cada aluno, para as famílias, para a sociedade civil e para a Igreja, porque a educação integral do ser humano não pode abstrair da dimensão religiosa e moral, constitutiva da pessoa e da sua plena dignidade.

A legislação Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de Maio, do Ministério da Educação e Ciência em que reafirma a legitimidade da presença da Educação Moral e Religiosa Católica na escola e como consta na referida legislação “o Estado garante as condições necessárias para assegurar o ensino da disciplina de EMRC nos estabelecimentos públicos dos ensinos básico e secundário, no âmbito do dever de cooperação com os pais na educação dos filhos.” Cabe ao encarregado de educação, se o seu educando for menor de 16 anos, manifestar no ato da matrícula o direito de frequência da disciplina de EMRC por parte do seu educando, uma vez que, a disciplina de EMRC é de oferta obrigatória e frequência facultativa.

“O Ensino Religioso Escolar é fator decisivo para a educação integral das crianças, adolescentes e jovens. De facto, seria empobrecedor entender a educação excluindo dela a interpretação e análise do fenómeno religioso, bem como a proposta de uma visão do mundo e da vida humanista cristã. (...) A Educação Moral e Religiosa Católica é uma oferta de sentido proposta a todo

⁹⁰ Cf. Maria José BRUNO, *O despertar religioso – A descoberta da espiritualidade da criança dos 0 aos 6 anos*, 80-81.

aquele que estiver disponível para compreender o Cristianismo e a sua relação com as demais visões do mundo”.⁹¹

1. Razão histórico-cultural, antropológica e ético-social

De acordo com Isabel Varanda no ciclo de conferências mensais no Santuário de Fátima “nos tempos atuais, em que se pretende reduzir o ser humano a uma mera biologia, a um materialismo biológico”⁹² é pertinente estudar o Homem como um todo no sentido de devolver à escola a sua missão de formação integral do aluno.

O mundo da educação encerra em si mesmo desafios que continuarão a ser a motivação daqueles que se dedicam ao ensino. Educar é um desafio de grande importância e cada vez mais complexo. A Comissão Internacional sobre Educação para ao Século XXI afirmou o princípio fundamental: “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.”⁹³

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica está presente nas escolas nos currículos dos ensinos básico ao secundário, desde o 1º ao 12º ano de escolaridade⁹⁴, de acordo com o programa estabelecido para a disciplina pela Conferência Episcopal Portuguesa.

De acordo com a Declaração sobre a Educação Cristã, *Gravissimum Educationis*, do Concílio Vaticano II:

“Todos os cristão que, uma vez feitos nova criatura mediante a regeneração pela água e pelo Espírito Santo, se chamam e são de facto filhos de Deus, têm o direito à educação cristã. (...) O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade. (...) Portanto, a Igreja é obrigada a dar, como mãe, a estes seus filhos aquela educação, (...)”

⁹¹ Tomaz da SILVA NUNES, Bispo Auxiliar de Lisboa, Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã (2005-2010), na “Introdução” ao Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, edição de 2007.

⁹² Isabel VARANDA, *A presença de Maria na Igreja*, V Ciclo de Conferências, Santuário de Fátima, dezembro de 2014, <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=89214> (consultado em 15/01/2015).

⁹³ Jacques DELORS, *Educação um tesouro a descobrir*, 85.

⁹⁴ No 1º ciclo não se utiliza a designação *disciplina*, mas a designação *área curricular disciplinar*.

colabora com todos os povos na promoção da perfeição integral da pessoa humana.”⁹⁵

Na carta pastoral em 2002, a Conferência Episcopal Portuguesa sublinhava a educação como um desenvolvimento equilibrado de todas as dimensões do ser humano, afirmando o reconhecimento de que os “educadores são verdadeiros artífices de um futuro de pessoas harmoniosamente desenvolvidas e com boa relação social”⁹⁶.

“O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual, desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social.”⁹⁷

A integralidade da educação e da pessoa humana é vista como marca de água da visão e ação cristã: “é o percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa. Isto exige promoção dos valores espirituais”⁹⁸.

Em 2006, a Conferência Episcopal Portuguesa, publicou um documento sobre o contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para a formação da personalidade, onde destaca a dimensão religiosa como integrante da pessoa humana. A Educação Moral e Religiosa Católica é um valioso contributo para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e por isso não haverá educação integral, se a EMRC não for tomada em consideração e não se compreenderá uma realidade social sem o conhecimento do fenómeno religioso e as suas expressões e influências culturais.⁹⁹ Não obstante às convicções religiosas, a EMRC é oferecida a todos os alunos e deve orientar-se de acordo com o pensamento de João Paulo II “formar

⁹⁵ CONCILIO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*, 2.

⁹⁶ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *Educação: direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. CEP, 2002, n.2.

⁹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *Educação: direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. CEP, 2002, n.3.

⁹⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *A escola em Portugal: Educação integral da pessoa humana*. CEP, 2008, n.5.

⁹⁹ Cf. Augusto Manuel ARRUDA CABRAL (diretor), *Educação Moral Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Pastoral Catequética – Secretariado Nacional de Educação Cristã, 5, Maio-Agosto, 2006.

personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”¹⁰⁰.

“O projeto educativo da escola deve proporcionar aos alunos uma assimilação lúcida da cultura que, ao longo dos séculos, forjou a nossa identidade como povo”¹⁰¹. Há laços que têm vindo a ser estabelecidos, os quais também é impossível de os desfazer, a quem a identidade portuguesa está muito ligada e enraizada nos valores cristãos e na Igreja Católica. Os ensinamentos da igreja têm estado ligados à nossa história e cultura ao longo de séculos¹⁰².

José António Saraiva afirmou que, “A Igreja Católica não existe em Portugal por causa da lei: existe porque participou ativamente em todos os passos da História do país e está fisicamente presente em todos os lugares. E, além disso, moldou o modo de ser dos portugueses influenciando católicos e não católicos”¹⁰³. Neste sentido, a escola não pode renunciar a transmissão do património cristão, fazendo cumprir o objetivo de tornar compreensível, aos alunos, a cultura herdada necessária à própria formação cultural. Se a escola não cumprir este seu papel podemos ter portugueses que ao entrar no Mosteiro de Jerónimos não conhecem a intenção e o legado dos nossos antepassados.

A sociedade de hoje não vive apenas uma crise financeira, económica mas uma crise de valores e é neste contexto que existe uma crescente necessidade de valores hierarquizados, uma procura de transcendência e de religiosidade, sem os quais a vida perde horizontes. Os problemas da escola são os da sociedade e os da sociedade projetam-se na escola, neste sentido a disciplina de EMRC desenvolve um importante trabalho ao educar para os valores. Neste sentido a educação é uma obra social, e não solitária educando para a convivência promovendo uma civilização de respeito, aceitação ao outro, compreensão e reciprocidade.

“A história confirma sobremaneira como a Igreja, consciente desta sua missão, tem desenvolvido, através de séculos, a sua obra educativa em diversos contextos culturais e sociais, razão pela qual Paulo VI pôde afirmar que a Igreja é «perita em humanidade».”¹⁰⁴

O ensino religioso está diretamente ligado à vida. Neste sentido a religião é tão eterna quanto o Homem. Se o Homem perde a referência a Deus, também o Homem

¹⁰⁰ JOÃO PAULO II, *Conhecer o património do cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica*. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião na Escola Pública. L’Osservatore Romano, ed. Semanal em português, n.16, 21.04.1991.

¹⁰¹ Miguel Ângelo GOMES, *O ensino da religião no jardim de infância*, 24.

¹⁰² Cf. Miguel Ângelo GOMES, *O ensino da religião no jardim de infância*, 24-25.

¹⁰³ José António SARAIVA, *A espada e a cruz*, “Expresso” (2001), 22.

¹⁰⁴ José SARAIVA MARTINS, *A Igreja nos alvares do terceiro milénio*, 191.

perde o verdadeiro sentido da realidade, da cultura e da própria vida, tornando-se incapaz de construir um mundo humano e habitável. De acordo com o grande teólogo moderno, Henri de Lubac, “O Homem pode certamente organizar a terra sem Deus; mas sem Deus nunca poderá organizá-la a não ser contra o próprio homem.”¹⁰⁵

A atual secularização tem feito com que a fé perca importância em relação à vida verificando-se uma sobrevalorização da ciência como solução dos nossos problemas. Assistimos a famílias e jovens que vivem sem contacto com Deus numa total indiferença religiosa, o que nos leva a pensar na pertinência da Igreja no campo educativo. “A Igreja é mãe: gera a fé e educa na fé.”¹⁰⁶

2. Educação Moral Religiosa Católica – contributo para a formação da personalidade do aluno no 1º ciclo

Os alunos do 1º ciclo despertam para o sentido humano e religioso – moral da responsabilidade, manifestam um grande desejo de aprender e começam a ter individualidade. A área curricular disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica pretende proporcionar uma visão da vida à luz da mensagem cristã e fornecer estímulos para despertar e educar o natural sentimento religioso dos alunos.

A Educação Moral e Religiosa Católica é lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, proporcionando um forte potencial de conhecimento pessoal e de integração social. A escola para além da função educativa também transmite património cultural, ético, estético e artístico.¹⁰⁷ Os conhecimentos e capacidades adquiridas pela criança fazem com que amplie os seus conhecimentos religiosos e os articule de forma coerente. Esta articulação é pessoal, uma vez que as crianças tentam esclarecer elas mesmas as suas dúvidas, através da assimilação dos dados externos e a acomodação desses dados aos próprios esquemas mentais.

As contribuições de Piaget sobre a articulação da inteligência podem ser aplicadas ao campo religioso. Goldman denominou as fases do desenvolvimento do pensamento religioso como: pensamento intuitivo, concreto e abstrato. Estas fases do desenvolvimento do pensamento religioso correspondem às de Piaget, exceto nos limites de idade, devido ao facto da religiosidade não ser manipulável o que leva a que a transição do concreto para o abstrato seja mais tardia. Assim, as crianças de 7-8 anos influem na sua conceção de Deus dinâmismos psicológicos da etapa dos 2 aos 6 anos:

¹⁰⁵ Henri DE LUBAC, *O Drama do Humanismo Ateu*, p.9.

¹⁰⁶ José SARAIVA MARTINS, *A Igreja nos alvares do terceiro milénio*, 190.

¹⁰⁷ Cf. Augusto Manuel ARRUDA CABRAL (dir.), *Educação Moral Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 13.

antropomorfismos, animismo, magismo, artificialismo...Goldman afirma que a passagem de uma etapa do desenvolvimento do pensamento religioso para outra é gradual e não súbita, uma vez que existem períodos de transição entre as fases, nos quais aparece um novo tipo de pensamento. Goldman afirma que o desfasamento do pensamento religioso face ao desenvolvimento cognitivo defendido por Piaget pode estar relacionado com o ensino da religião na escola, que se for superior à capacidade de compreensão dos alunos os pode desorientar, levando a que se situem facilmente no pensamento concreto.¹⁰⁸ A entrada das crianças na escola permite desenvolver capacidades, também no campo religioso, oferecendo uma sistematização dos conceitos religiosos.¹⁰⁹

Goldman defende que houve uma preocupação exagerada em ensinar rapidamente conceitos religiosos. Esta posição foi corroborada por Piaget, uma vez que nem todos os adultos alcançam o pensamento formal e poucos o aplicam em várias áreas do conhecimento, o que leva muitos adultos a permanecer no concreto no que concerne ao pensamento religioso. No entanto, estudos levados a cabo posteriormente por outros autores afirmam que os problemas linguísticos e a complexidade da terminologia religiosa são as principais razões pelo desfasamento do desenvolvimento do pensamento religioso¹¹⁰.

A partir de um estudo longitudinal F. Oser reconhece cinco formas qualitativamente diferentes de conceito religioso, que se estruturam como um todo e cuja sucessão de estágios segue uma invariável lógica do desenvolvimento.¹¹¹

Quadro 1 - Estágios do conceito religioso, adaptados por F. Oser¹¹²

Estádio	Descrição
Estádio 1	Entende-se Deus como alguém que intervém no mundo.
Estádio 2	Entende-se Deus como alguém que pode castigar ou premiar, sendo influenciado pelo comportamento da pessoa.
Estádio 3	É conscientemente reduzida a influência de Deus. Transcendência e imanência separadas entre si. Ser Humano é autónomo e Deus tem seu próprio domínio de responsabilidade

¹⁰⁸ Cf. Ronald GOLDMAN, *Religious Thinking from Childhood to Adolescence*, 165-182.

¹⁰⁹ Cf. Juan Carlos MILANESI e Mario ALETTI, *Psicologia de la Religion*, 155.

¹¹⁰ Cf. Ronald GOLDMAN, *Religious Thinking from Childhood to Adolescence*, 165-182.

¹¹¹ Cf. Fritz OSER e George SCARLETT, *Religious development in Childhood and Adolescence*, 13-20.

¹¹² Fritz OSER e George SCARLETT, *Religious development in Childhood and Adolescence*, 13-20.

Estágio 4	Deus concilia-se com a imanência como fundamento de “si mesmo”. A religiosidade dirige tudo a um fim. O compromisso social torna-se uma forma religiosa de vida.
Estágio 5	A religião é mais uma modelo ativo do que um conceito de segurança. Pessoa sente-se incondicionalmente relacionada com Deus: união mística.

Para Oser a passagem de um estágio para outro só é possível através de um processo de crise, onde a estrutura anterior passa por um processo de desequilíbrio e reestruturação posterior.

As crianças desta faixa etária estão situadas no estágio 1 e 2 apresentados por Oser. No estágio 1 Deus é concebido como Todo-Poderoso, intervindo diretamente no mundo e no destino das pessoas. É-lhe atribuído poder para alterar a realidade e fazer todas as coisas. A representação de Deus é antropomórfica.¹¹³ Nesta concepção existe uma tendência para representar Deus segundo esquemas do comportamento humano. Esta concepção tende a diminuir a partir dos 7 anos, desaparecendo aos 12 anos.¹¹⁴ A relação com Deus não pode ser rompida, sob pena de castigo. Por sua vez, no estágio 2, as crianças pensam que a vontade de Deus pode ser influenciada pela oração, boas obras e adesão a normas e costumes religiosos. Esta fase é caracterizada pelo dar para receber.¹¹⁵

Segundo Amatuzzi, nesta fase etária a religião começa a expressar-se através de histórias que adensam o seu sentido. Falhas na experiência da iniciativa e da ousadia, dificultam o acesso ao sentido das histórias e uma “posterior identificação do adulto através da inserção em uma tradição”¹¹⁶. O significado das narrativas é ainda uma realidade externa. Contudo, a relação com essa realidade não é passiva, uma vez que através da oração, ritos e preces o sujeito pode alterar e influenciar Deus na sua ação sobre o mundo.¹¹⁷

Os estudos sobre a experiência religiosa das crianças afirmam que a experiência não é tão espontânea como seria de esperar. Em temas concretos do quotidiano as crianças remetem-nos para Deus apenas se o adulto introduzir essa temática na

¹¹³ Cf. Fritz OSER e George SCARLETT, *Religious development in Childhood and Adolescence*, 13-20.

¹¹⁴ Cf. Juan Carlos MILANESI e Mario ALETTI, *Psicologia de la Religion*, 175-176.

¹¹⁵ Cf. Fritz OSER e George SCARLETT, *Religious development in Childhood and Adolescence*, 13-20 e Mauro MARTINS AMATUZZI, “O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica”, in *Rev. Estudos de Psicologia* 17, 2000, 23.

¹¹⁶ Mauro MARTINS AMATUZZI, *O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica*, “*Revista Estudos de Psicologia*” 17 (2000) 26.

¹¹⁷ Cf. Mauro MARTINS AMATUZZI, *O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica*, “*Revista Estudos de Psicologia*” 17 (2000) 26.

conversa. Para Aragó o ambiente em que a criança vive influencia a sua experiência religiosa: um ambiente negativo onde Deus é causador do mal atrasa o encontro de Deus com a criança; e um ambiente de indiferença leva a uma ideia de Deus sem implicações na vida da criança. Os estudos de Piaget afirmam que na vivência de Deus para esta faixa etária, Deus é visto como punidor das más ações e protetor de perigos¹¹⁸.

Relativamente à afetividade os estudos de Vianello afirmam que a imagem de Deus assemelha-se à imagem do pai e da mãe. A maioria das crianças tem uma imagem positiva de Deus, devido à função protetora de Deus. Relativamente à carência afetiva da criança, os estudos revelam que as crianças buscam na religião uma compensação do que não encontram na família ou projetam em Deus os seus sentimentos de insegurança, desconfiança e baixa autoestima.¹¹⁹

Relativamente à sociabilização religiosa, as mães desempenham um papel muito importante na religiosidade dos filhos desde a infância à juventude. As crianças identificam-se com a Igreja que os pais frequentam, através do dinamismo organizativo.¹²⁰ Relativamente ao Ensino Religioso escolar, os estudos de Vianello afirmam que as crianças com ensino religioso escolar referem-se mais vezes a Deus e assimilam melhor os conceitos sobre Deus do que as crianças que não tem esse ensino, embora este ensino não as leva a um encontro mais pessoal com Deus. Por sua vez, a catequese não influi na aquisição de atributos divinos, mas permite o processo de interiorização dos conceitos e das vivências, fonte de atitudes religiosas.¹²¹

3. Relação pedagógica do professor e do aluno

O trabalho do professor não consiste simplesmente na transmissão de conhecimentos, mas estabelecer uma relação pedagógica visando o pleno desenvolvimento da personalidade do aluno.¹²² Ele é acompanhante dos alunos na sua caminhada, o interpelador e a testemunha, chamado a viver o que ensina. No entanto esta relação pedagógica tem tido dias muito difíceis, uma vez que o aumento da carga administrativa e o controlo dos professores aumentaram. Também se espera, dos professores, um profissionalismo em que cada um tem a sua especialização, o seu

¹¹⁸ Cf. Mitjans ARAGÓ, *Psicología religiosa del niño*, 168-169.

¹¹⁹ Cf. Renzo VIANELLO, *Ricerche psicologiche sulla religiosità infantile*, 203-210.

¹²⁰ Cf. Mauro MARTINS AMATUZZI, *Experiência Religiosa e Crescimento Pessoal: Uma Compreensão Fenomenológica*, "Revista de Estudos da Religião" 4 (2007) 101.

¹²¹ Cf. Renzo VIANELLO, *Ricerche psicologiche sulla religiosità infantile*, 203-210.

¹²² Cf. Jacques DELORS, *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*, 135.

método adequado à disciplina que leciona, conduzindo a um individualismo dos professores¹²³.

A revolução das comunicações também aumentou a necessidade de recursos e de empenho, sendo que as novas tecnologias têm vindo a acentuar desigualdades entre os professores e as sociedades. Existem aqueles que são capazes de as utilizar para o seu enriquecimento cultural e aqueles que ainda não são capazes.¹²⁴

“Uma educação para o século XXI tem que centrar-se não só no aluno, não só no professor, mas na prossecução do conhecimento. Uma escola não existe só por causa dos alunos, nem só por causa dos professores, nem só por causa de um curriculum qualquer.”¹²⁵O professor de educação moral e religiosa católica deve desenvolver nos jovens atitudes e valores essenciais para estruturar a sua personalidade moral e construir uma consciência livre, madura e responsável.

O professor de EMRC deve proporcionar um diálogo entre a cultura contemporânea e a fé. É este testemunho que identifica, o professor, lhe inspira confiança no conhecimento e compreensão dos outros. O professor deve ser entendido como um construtor de pontes e não de muros, estabelecendo diálogo com os seus alunos que depois chegará às famílias e comunidades.

“O professor de EMRC afirma-se numa «relação respeitosa e compreensiva, que permite aos alunos manifestarem-se com espontaneidade e naturalidade, sem a necessidade de manipular a própria identidade para ganhar a aceitação e o apreço do mestre»”¹²⁶.

O professor de EMRC reconhece-se como servidor e semeador de fraternidade. Deve ser alegre, disponível aos outros, rodeado de muito amor e compreensão, pelo respeito, pois é uma vocação que recebeu e possui muito de generosidade e doação, pois no seu caminho encontrará alunos em crescimento pessoal que necessitam de uma referência na decisão pelo bem e pela verdade.¹²⁷

O seu trabalho, dentro e fora da aula, está marcado pelo amor cristão, apresentando na escola a boa notícia de Jesus Cristo. O diálogo entre a fé e a cultura

¹²³ Cf. Etienne VERHACK, *A Missão dos Educadores Cristãos: “Caminhar como árvores”, “Pastoral Catequética”* 27, 100.

¹²⁴ Cf. Fernando MOITA, *A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual,* Pastoral Catequética” 26, 54.

¹²⁵ Fernando MOITA, *A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual,* Pastoral Catequética” 26, 59.

¹²⁶ Fernando MOITA, *A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual,* Pastoral Catequética” 26, 67.

¹²⁷Cf. Fernando MOITA, *A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual,* Pastoral Catequética” 26, 67.

exige do professor conhecimentos teológicos e culturais, que tornem possível à formação integral dos alunos. O professor de EMRC, abraça assim, uma educação para os valores como espaço privilegiado para o desenvolvimento pessoal e social integrando o facto religioso, enquanto dimensão intrínseca da pessoa.

4. Síntese conclusiva

“O segredo pedagógico está em conseguir desencadear no espírito e no coração dos educandos um movimento interior que favoreça o desabrochar das próprias qualidades, desperte o desejo de aperfeiçoamento e correção pessoal, leve a acolher os contributos que a família, a escola, os grupos e a Igreja oferecem. Uma lógica de ensino deve ser conjugada com uma lógica de aprendizagem, em que o educando participa ativamente no processo educativo, caminhando para a gradual construção como ser autónomo e em relação harmoniosa.”¹²⁸

A primeira responsabilidade educativa é dos pais, mas os professores, como educadores, desempenham um papel fundamental e preponderante na comunidade educativa escolar. A Educação Moral e Religiosa Católica é um lugar privilegiado e tem um papel fundamental para os educandos. Todo o processo educativo desenvolve-se numa interação permanente entre educandos e educadores. A educação é uma arte difícil que pede criatividade e dedicação. É bela e gratificante na medida em que ajuda a formar pessoas felizes e realizadas e a construir uma sociedade de paz e solidariedade.¹²⁹

¹²⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*, 16.

¹²⁹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*, 32-33.

CAPITULO III – “JESUS NASCEU” – REFERENCIAL TEÓRICO, PEDAGOGIA, DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

1. A criança entre os 6 e 11 anos de idade

Pode-se entender o desenvolvimento como o “conjunto de transformações quantitativas e qualitativas que desde o momento da concepção e ao longo da vida marcam a existência do indivíduo”¹³⁰.

Erik Erikson¹³¹ afirma que a etapa do desenvolvimento humano dos 7 aos 11 anos é marcada fundamentalmente pela incorporação na escola e pela mudança de compreensão da realidade que culmina com a adolescência. Nesta fase a que Erikson chama de *indústria*, a criança preocupa-se em ser competente no cumprimento de determinadas tarefas. Novas capacidades são exigidas à criança, como ler, escrever, fazer cálculos numéricos, sendo apreciada mais pelo que faz do que pelo que é.¹³² Quando a criança falha ou é menos capaz que os seus pares sente-se inferiorizada. Por outro lado, ao sentirem-se bem sucedidas e ao acreditar nas suas capacidades e valor pessoal, empenham-se com prazer no trabalho, desenvolvendo-o com zelo.¹³³

Nesta fase a escola amplia o seu horizonte de relações. Os adultos com que se relaciona já não são apenas familiares e mostram-lhe novos dados sobre o mundo, que exigem que desenvolva um trabalho. Por outro lado, a escola integra a criança entre iguais com os quais tem de se relacionar: brincadeiras, regras, amizades e outras situações vão moldando a personalidade da criança e a sua capacidade de socialização.¹³⁴ Para além da função de transmissão de conhecimentos e capacidades, a escola tem ainda a função de veicular normas sociais, noções éticas básicas e os ideais da sociedade, facilitando a inserção do indivíduo na sociedade¹³⁵.

Piaget denomina esta fase do desenvolvimento como a de “operações concretas”, uma vez que a forma como a criança vê o mundo adquire estabilidade e coerência. A criança começa a parecer racional e consegue adaptar-se às situações. O raciocínio tem um grande desenvolvimento nesta etapa, embora opere e raciocine a partir dos objetos concretos que manipula para articular estruturas cognoscitivas e conceitos mais universais. A sua inteligência permite-lhe compreender objetivamente a

¹³⁰ Luís RODRIGUES, *Psicologia*, 215.

¹³¹ Responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento.

¹³² Cf. Luís RODRIGUES, *Psicologia*, 277-278.

¹³³ Cf. Maria LEITÃO, *Psicologia*, 35.

¹³⁴ Cf. Helen BEE e Denise BOYD, *A criança em desenvolvimento*, 182-184.

¹³⁵ Cf. Manuela MONTEIRO e Milice SANTOS, *Psicologia*, 123.

realidade. Se a criança estiver bem adaptada familiarmente, esta vive momentos de tranquilidade que lhe permitem abrir a novas relações interpessoais e a motivam a conhecer e investigar.¹³⁶

Segundo Piaget as aquisições do estágio das operações concretas derivam da descentração, ou seja, da capacidade de mais “do que um atributo de um objeto e de formar conceitos segundo vários critérios”¹³⁷. Começa a formar-se o raciocínio lógico indutivo, processo a partir do qual se atinge um princípio geral a partir de dados empíricos particulares. É ainda característica o declínio do egocentrismo típico do estágio pré-operatório.¹³⁸

2. Apresentação da Unidade Letiva 2 “Jesus Nasceu” do 1º ano

Planificar é organizar toda uma unidade letiva de acordo com o programa de Educação Moral e Religiosa Católica definido pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã a orientar o processo de ensino – aprendizagem para que os alunos atinjam as metas propostas pelo programa desta disciplina. O professor ao planificar deve ter em conta a caracterização da turma e o meio escolar envolvente, Projeto Educativo do Agrupamento e Plano Turma da turma (conhecer o maior número possível de vivências dos alunos).

É segundo estas orientações que apresento de seguida a planificação detalhada da unidade letiva “Jesus Nasceu” do primeiro ano do ensino básico, na Escola Básica de S. Vítor do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em Braga.

A planificação da unidade letiva foi baseada no programa de Educação Moral e Religiosa Católica do 1º ano no 1º ciclo do Ensino Básico de acordo com as orientações do Secretariado Nacional de Educação Cristã e que entraram em vigor no ano letivo de 2014/2015. Depois de analisar os conteúdos programáticos, foi necessário ter em atenção o número de aulas propostas para a unidade letiva e plano anual de atividades de acordo com a planificação anual para esta turma na área curricular do 1º ano. Esta planificação anual foi elaborada no início do ano letivo pelo grupo de docentes que irão lecionar neste agrupamento. Desta forma a unidade letiva foi planificada para ser lecionada em novembro, dezembro e a última aula em janeiro para que os temas coincidissem com o normal desenvolvimento litúrgico do tempo do Advento e o Natal. Posto isto a unidade letiva “Jesus Nasceu” foi planificada para ser lecionada em cinco

¹³⁶ Cf. Helen BEE e Denise BOYD, *A criança em desenvolvimento*, 182-184.

¹³⁷ Luís RODRIGUES, *Psicologia*, 237.

¹³⁸ Cf. Luís RODRIGUES, *Psicologia*, 238.

aulas, com a duração de sessenta minutos cada. Sendo uma turma do 1º ano e neste primeiro período apenas sabem algumas letras do abecedário (no programa de Português do 1º ano do 1º ciclo até ao Natal está planificado que começam por aprender: i, u; ditongos iu, ui; o, a e, ditongos oi, ou, ei; consoantes p, t, m, c, v, r, n, g, b. A palavra Natal, como tem um caso de leitura –al só a saberão ler no terceiro período quando começam a aprender os casos de leitura) por isso os recursos utilizados baseiam-se essencialmente na dramatização de histórias, imagens coloridas e para colorir e entoação de canções relacionadas com o tema do Natal.

O tema desta unidade letiva é muito interessante para crianças com estas idades (compreendidas entre os 6 e 7 anos de idade) uma vez que, vivem o Natal intensamente provocando um barulho de fundo aproximando-as da inquietação de Deus. Atendendo à fase de transição de programa da disciplina em que nos encontramos, é necessária uma maior atenção e dedicação na seleção dos recursos a utilizar, uma vez que os atuais manuais de EMRC não estão adaptados às exigências do novo programa desta disciplina.

Este cuidado deve-se essencialmente porque apliquei o novo programa de Educação Moral e Religiosa Católica, proposto pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã em abril de 2014 e os manuais não estavam ainda atualizados.

A unidade letiva centrou-se em três objetivos principais: 1 – descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus; 2 – conhecer os símbolos cristãos do Natal; 3 – descobrir que Jesus nos ensina a ser bondosos. Esta unidade letiva é carregada de simbolismo e são os mais pequenos que melhor o interpretam. Afinal foi como criança que Deus quis vir ao nosso mundo, e são as crianças que melhor transportam e recriam o encantamento do mistério do Natal.

Por vezes, torna-se difícil aplicar cada um dos três objetivos, uma vez que a pressão comercial ligada ao Natal começa muito antes do início do Advento. O comércio as ruas da cidade, nomeadamente de Braga, já se encontram cheias de sinais (decoração e iluminação) por isso já se adivinha a festa que se aproxima. Ao apresentar aos alunos a unidade letiva logo que se aperceberam que iríamos falar do Natal, os olhos deles brilharam com muita alegria e entusiasmo pois era sinal de prendas, festa e alegria.

Para o primeiro objetivo desenvolvi o tema do advento nomeadamente o calendário litúrgico e a coroa do advento – preparação para o grande dia do nascimento de Jesus Cristo (ou renascimento em cada um de nós todos os anos). Foi dramatizada a história do nascimento de Jesus Cristo de acordo com os relatos Bíblicos de Lucas e

Mateus (Lc 2,1-20 e Mt, 2, 1-12), que estavam resumidos e com uma linguagem adequada aos alunos do 1º ano, no manual do 1º ano edição de 2009. Por último foram exploradas as tradições de Natal que conhecemos: o pai natal; a árvore de natal; a missa do galo; os cânticos tradicionais; e a gastronomia.

No segundo objetivo foram explorados os símbolos cristãos do natal: a estrela; os anjos; os sinos; os pastores; os reis magos e o presépio como a principal representação artística do Natal e as figuras que o constituem – Jesus, Maria e José.

Por último no terceiro objetivo a descoberta de que Jesus nos ensina a ser bondosos e que o amor vem de Deus e por isso devemos amar os outros através de ações concretas tais como: ser amigo; ser simpático; ser prestável; ser cortez e participar nas festas de Natal, em família e em comunidade.

Na planificação foi feita interdisciplinaridade com a professora titular de turma, nos textos utilizados na área curricular de Português, com o professor de Expressão Musical nas músicas que irão ser utilizadas alusivas aos tema e também com a professora de Expressão Plástica em todos os desenhos que irão ser coloridos pelos alunos.

“A avaliação constitui-se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade de ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico. A avaliação incide sobre os conhecimentos adquiridos e as capacidades desenvolvidas pelos alunos no currículo nacional”¹³⁹ para a área curricular de EMRC expressa no projeto curricular de escola, projeto curricular de turma.

A avaliação da unidade letiva será feita através da expressão oral dos alunos observando a participação ativa e organizada, atenção, respeito pelos outros (colegas e professores) avaliação dos conhecimentos e capacidades adquiridas ao longo do desenvolvimento desta unidade letiva. Esta opção de avaliação prende-se essencialmente pelas limitações de expressão escrita e leitura apresentadas pelos alunos, que aliadas à curta duração da aula, torna inviável uma avaliação dos alunos em suporte papel. O objetivo é observar o empenho e analisar o trabalho dos alunos para verificar se ao longo das aulas as estratégias utilizadas foram as mais e satisfatórias. A avaliação final de cada período letivo é qualitativa da qual resulta uma síntese descritiva dos alunos em relação à área curricular de EMRC.

¹³⁹ Regulamento Interno da Escola Dr. Francisco Sanches artigo 55º, ponto 2.



Planificação da Unidade Letiva

Unidade Letiva: Jesus Nasceu	Ano: 1.º Turma: 1 Período: de 18/11/2014 a 06/01/2015 (18/11; 25/11; 02/12; 09/12; 06/01) Tempos previstos (de 60 minutos): 5
-------------------------------------	---

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Nº aulas	Avaliação formativa
No início de cada aula: - Acolhimento aos alunos - Reorganização do espaço da sala de aula, de modo a que os alunos realizem com sucesso as actividades propostas				-Livro de Histórias - Cartolina várias cores -Cola -Tesoura -Lápis de cor	Em todas as aulas	
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	1. Descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus.	- Símbolos do Advento: calendário e coroa;	. Interação permanente com os alunos. . Explicação do calendário, identificação dos dias que antecedem o natal – advento e que tudo caminha para o natal nascimento de Jesus Cristo. Elaboração da coroa do advento.	Cartolina, tesoura e lápis de cor.	1	Participação ativa e organizada;
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.		- A história do Natal, relatos bíblicos do nascimento de Jesus: Lc 2, 1-20; Mt 2, 1-12. - As tradições de Natal que conhecemos: .O Pai Natal; . A árvore de Natal; . A Missa do galo; .Os cânticos tradicionais; .A gastronomia.	. Dramatização da história de Natal; . Análise do teor do conteúdo da história de Natal; diálogo com os alunos sobre as tradições de natal que conhecem. . Apresentação e explicação do novo símbolo de Natal – árvore de Natal. Os alunos desenharam numa cartolina a mão esquerda e recortam para colar noutra cartolina, em forma de triângulo, construindo assim uma árvore.		2	Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas;

3. Pedagogia e Didática

3.1. Aula nº 1 – Símbolos do Advento: calendário e coroa

Este será o primeiro contacto com os alunos como docente da área curricular de Educação Moral e Religiosa Católica. Depois de uma breve apresentação minha e dos alunos, apresentarei a unidade letiva que irei desenvolver e a duração da mesma em número de aulas. Os alunos mantêm o lugar, não se procedendo a alterações por uma questão logística. São crianças e nesta faixa etária a mudança de lugar implicaria perda de muito tempo da duração da aula e assim terão os seus materiais junto deles. A disposição dos alunos na sala é um U, para melhorar a concentração e diminuir a ansiedade entre eles, torna também o ambiente mais agradável havendo uma maior interação social podendo ver o rosto uns dos outros.

Haverá uma interação permanente junto dos alunos, lembrando sempre que necessário as regras a cumprir na sala de aula. Esta exposição com perguntas estimula a inteligência e transforma a informação/respostas dos alunos em conhecimento. As crianças aprendem com mais facilidade não apenas porque estão menos entulhadas de informação na memória, mas porque são perguntadoras, interagem mais. Desta forma os alunos perdem o medo de responderem em público são mais confiantes nas respostas e menos ansiosos.¹⁴⁰ Começo o tema da aula por afixar no quadro uma imagem em formato A3 com o calendário escolar 2014/2015. Através da imagem questiono os alunos se conseguem identificar a imagem e o que representa. Ao responderem que é um calendário tentamos chegar, em conjunto (chuva de ideias – Brainstorming) a uma definição de calendário e para que serve. Acrescento à explicação que este calendário está dividido em períodos e que o primeiro período termina no dia dezasseis de dezembro, precisamente no dia da festa de natal que vão realizar na escola. O calendário serve então para organizar o tempo e que a contagem dos anos tem como referência o nascimento de Jesus Cristo. O calendário utilizado foi o calendário escolar para abordar o calendário litúrgico a partir da experiência concreta dos alunos.

Mas para celebrar o nascimento de Jesus Cristo existem os preparativos para a chegada da grande festa de Natal, a este tempo de preparação chamamos Advento. O Advento é representado pela coroa do Advento que tem a forma circular (não há início nem fim) tem a cor verde (cor da esperança da chegada do Natal) e tem quatro velas (para iluminar o nosso caminho) que a cada domingo que passa se acende uma vela,

¹⁴⁰ C.f. Augusto CURY, *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*, 123-124.

para que, com a aproximação do nascimento de Jesus o caminho esteja cada vez mais iluminado.

Depois de toda a explicação, e para consolidar os conhecimentos será elaborada uma coroa do advento, num trabalho colaborativo entre todos os alunos da turma, onde recortarão as folhas e as quatro velas para afixar na porta da sala ajudando toda a comunidade escolar a acompanhar a chegada do nascimento de Jesus - o Natal. Como os alunos têm diferentes ritmos de trabalho e como são crianças não conseguem estar sentadas no lugar sem perturbar a aula. Para os que terminarem a sua tarefa mais rápido realizarão uma pequena ficha com um labirinto para encontrar o caminho certo até ao presépio ilustrando o desenho.



Plano de Aula 1

Unidade Letiva: Jesus Nasceu Aula nº 1 de 5	Ano: 1.º Turma: 1 Data: 18 de novembro de 2014 Duração: 60 minutos
---	--

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
No início de cada aula: - Acolhimento aos alunos - Os alunos mantêm o mesmo lugar sentados, e são relembradas as regras que devem cumprir dentro da sala de aula.				- Cartolina cor verde - Cola - Tesoura - Suporte em esponja circular que serve de base para a coroa do advento - Lápis de cor - fotocópias com desenho para colorir do advento		
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. J. Descobrir a simbólica cristã. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Descobrir o Advento como preparação da Festa de Natal. 2. Descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus.	- Símbolos do Advento: calendário e coroa;	- Interação permanente com os alunos. - Colocar uma imagem no quadro negro em formato A3 com o calendário escolar 2014/2015. Através da imagem questionar os alunos: - conseguem identificar esta imagem? - o que representa? - para que serve um calendário? - este calendário está dividido em períodos, sabem quando termina o primeiro período? (identificar no calendário com um marcador o último dia de aulas e o dia de Natal e que tudo caminha para o Natal o nascimento de Jesus Cristo). Fazer uma breve explicação da origem do calendário que serve para organizar o tempo e que a contagem dos anos tem como referência o nascimento de Jesus Cristo.	Imagem A2 do calendário escolar; marcadores verde e vermelho; Cartolina, tesoura e lápis de cor.	5 m 15 m	Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; Avaliação qualitativa dos trabalhos realizados;

		<p>- Advento - corresponde às quatro semanas que antecedem o natal e é assinalado com a construção da chamada coroa do advento.</p> <p>- Simbologia e significado da coroa do advento.</p>	<p>- Estabelecer um diálogo com os alunos sobre os preparativos que antecedem o natal, sendo que este tempo liturgicamente chama-se advento.</p> <p>A partir deste ponto explicar a simbologia e significado da coroa: Forma circular (não há início nem fim) A cor verde (cor da esperança da chegada do natal – o nascimento do messias) As velas (para iluminar o nosso caminho)</p> <p>Para conclusão do tema e consolidação dos conhecimentos será construída uma coroa do advento, para pendurar na porta de entrada da sala, e são divididas tarefas pelos alunos: .Recorte de folhas .Pintura das quatro velas</p> <p>Para os alunos que terminarem as tarefas antes do tempo previsto irão ilustrar o desenho da coroa do advento.</p>		<p>15 m</p> <p>25 m</p>	
--	--	--	--	--	-------------------------	--

Prof. Sónia Cunha

Nota importante: dada a especificidade do trabalho realizado no âmbito desta Prática de Ensino Supervisionada, não foi possível estabelecer pontes de diálogo interdisciplinar com outras disciplinas, no entanto é possível interdisciplinaridade com:

- Professora Titular de Turma – Textos sobre a temática do Natal.
- AEC Educação Musical – entoação de músicas de Natal.
- AEC Expressões – ilustração de desenhos alusivos ao Natal.

3.2. Aula nº 2 – A história do Natal e os Símbolos do Natal

A aula começará por relembrar os conteúdos da aula anterior, lembrando o objetivo principal da festa de Natal que é a celebração do nascimento de Jesus. E vamos ficar a saber um pouco mais sobre o menino Jesus e como foi o seu nascimento que marcou toda a humanidade. “Os contos sempre foram utilizados como um importante recurso metodológico para a aprendizagem de valores, não só pelas instâncias educativas, mas também pelas tradições espirituais, em que os professores podem falar através de parábolas”¹⁴¹ e por isso vou contar a história que se encontra no evangelho de São Mateus e de São Lucas, mas com uma linguagem mais adequada e de acordo com o manual de EMRC do 1º ano “A Pérola”. Afixo no quadro uma imagem A4 a cores com o mapa da Palestina e da Europa para analisarmos a distância entre os povos. Procedo então à dramatização da história colocando imagens no quadro de cada uma das passagens (seis cartazes coloridos em formato A4) que ajudam a compreender melhor a história do nascimento do menino Jesus. A partir das imagens afixadas coloco as questões à turma se gostaram do que ouviram, se compreenderam e desafio a turma a recontar a história utilizando as palavras do seu campo lexical. Esta metodologia é para que saibam a verdadeira história de Natal o sentido do Natal Cristão, ajudando na reapropriação dos conteúdos lecionados.

De seguida toda a história será explorada para conseguir identificar os símbolos Cristãos do Natal. Das respostas dos alunos, que irão ser diversificadas e variadas, vou reter os símbolos que fazem parte do objetivo da aula de hoje tais como: o anjo (anúncio da boa nova – nascimento do menino Jesus), a estrela (guiou o caminho para o local onde Jesus nasceu), os pastores (representam a simplicidade das pessoas e como tinham muita fé e muito amor no coração ficaram muito felizes com a notícia), animais (representam a simplicidade do local do nascimento de Jesus) e os sinos (anúncio à humanidade do nascimento do salvador).

Associados a estes símbolos também temos outras tradições de Natal, e também vamos começar a preparar a chegada do Natal. E para isso vamos elaborar a árvore de Natal. Será então distribuída a cada aluno uma ficha em que cada um irá colorir a sua árvore de Natal. Mas também será construída uma árvore de natal para a turma, com a participação individual de cada aluno. De acordo com a chamada um a um vai à mesa do professor para desenhar a sua mão aberta numa cartolina e recortam. Quanto todos tiverem a cartolina recortada será construída a árvore de natal que ficará completa nas

¹⁴¹ Laureano BENITEZ, *Educar e aprender com valores*, 9.

aulas seguintes. As mãos dos alunos recortadas na cartolina serão os ramos da árvore, promovendo desta forma a relação humana e o trabalho em conjunto, relacionando a natureza de Deus (o amor) com o comportamento humano, pautando-o pelo princípio do amor e reconhecer as implicações da mensagem bíblica do nascimento de Jesus nas suas práticas de vida quotidiana, mobilizando o valor do acolhimento.



Plano de Aula 2

Unidade Letiva: Jesus Nasceu Aula nº 2 de 5	Ano: 1.º Turma: 1 Data: 25 de novembro de 2014 Duração: 60 minutos
---	--

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
No início de cada aula: - Acolhimento aos alunos -Os alunos mantêm os mesmos lugares sentados, estipulados pela professora titular, de modo a realizarem com sucesso as atividades propostas.				Imagens em formato A4, cartolina verde, tesoura e cola.	60 m	
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. J. Descobrir a simbólica cristã. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus. 2. Conhecer os símbolos cristãos do Natal	- A história do Natal, relatos bíblicos do nascimento de Jesus: Lc 2,1-20; Mt 2,1-12. - País onde Jesus nasceu: Palestina (leitura do mapa orientando o país onde Jesus nasceu em relação a Portugal) - O presépio - principal símbolo e representação do Natal.	. Interação permanente com os alunos - Dramatizar a história de Natal baseada no manual de Educação Moral Religiosa Católica do 1º ano. De seguida recordar a história que, dois amigos de Jesus, Lucas e Mateus contaram do seu nascimento. - Colocar no quadro uma imagem do país onde Jesus nasceu em relação a Portugal. Depois de lida a história e de mostrar as imagens, fazer pequenas perguntas à turma sobre: - Gostaram? - Compreenderam a história? - Conseguem recontar a história? - Então agora, conseguem identificar as personagens que fazem parte desta história? Perante as respostas dos alunos reter os elementos principais para a explicação da	Imagem A4 para colocar no quadro para que todos os alunos acompanhem a história e vejam o mapa.	5 m 15 m 10 m	Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; Avaliação qualitativa dos trabalhos realizados;

	<p>3. Conhecer os símbolos Cristãos do Natal.</p>	<p>- Os símbolos do Natal: a estrela, os anjos, os sinos, os pastores.</p> <p>- Árvore de Natal.</p>	<p>composição do presépio, principal símbolo da representação do Natal. Explicar também outros símbolos tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Anjo – anúncio da boa nova (nascimento do messias); - Estrela – guiou o caminho para o local onde Jesus nasceu; - Pastores – representam a simplicidade das pessoas e como tinham muita fé e muito amor no coração ficaram muito felizes com a notícia; - Animais – representam a simplicidade do local do nascimento de Jesus; - Sinos – anúncio à humanidade do nascimento do salvador. <p>Associados a estes símbolos temos as tradições de natal e à semelhança do que aprendemos a semana passada também vamos preparar o natal. Vamos começar pela elaboração da árvore de natal. Cada aluno vai pintar a sua árvore de natal, e um a um de acordo com a chamada vem à mesa do professor para desenhar a sua mão e recortar. Desta forma, e quando todos recortarem a sua mão na cartolina, vai ser construída uma árvore de natal que será enfeitada e completada nas próximas aulas.</p>	<p>Cartolina verde, tesoura e cola. Ficha da árvore de natal fotocopiada para cada aluno.</p>	<p>10 m</p> <p>20 m</p>	
--	---	--	--	---	-------------------------	--

Prof. Sónia Cunha

Nota importante: dada a especificidade do trabalho realizado no âmbito desta Prática de Ensino Supervisionada, não foi possível estabelecer pontes de diálogo interdisciplinar com outras disciplinas, no entanto é possível interdisciplinaridade com:

- Professora Titular de Turma – Textos sobre a temática do Natal.
- AEC Educação Musical – entoação de músicas de Natal.
- AEC Expressões – ilustração de desenhos alusivos ao Natal.

3.3. Aula nº 3 – A representação do Natal através do Presépio

O Natal está quase a chegar e os preparativos para o nascimento de Jesus intensificam-se para a grande festa. Esta aula será para recordar as aulas anteriores e fazer a decoração da sala para que toda a comunidade escolar perceba que algo de muito importante está para acontecer e em cada aula que passa os sinais/símbolos intensificam-se, mostrando que esta a chegar o dia do nascimento de Jesus.

Cada aluno irá colorir uma imagem diferente que depois todas juntas irão construir, num painel, os símbolos do Natal e terá todos os elementos constituintes do presépio, a principal representação do Natal.

Os cânticos tradicionais de Natal também fazem parte da planificação, e enquanto os alunos pintam e recortam as imagens haverá música de fundo, natalícia, que será explorada na próxima aula de acordo com aquela que os alunos melhor conhecem ou se identificam de acordo com as suas vivências de Natal.



Plano de Aula 3

Unidade Letiva: Jesus Nasceu Aula nº 3	Ano: 1.º Turma: 1 Data: 2 de dezembro de 2014 Duração: 60 minutos
--	---

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
No início de cada aula: - Acolhimento aos alunos - Os alunos mantêm os mesmos lugares sentados, estipulados pela professora titular, de modo a realizarem com sucesso as atividades propostas.				Imagens para colorir	60 m	
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. J. Descobrir a simbólica cristã. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus. 2. Conhecer os símbolos cristãos do Natal	- Os símbolos do Natal: a estrela, os anjos, os sinos, os pastores. - O presépio, que mostra Jesus, Maria e José, é a representação do Natal;	. Interação permanente com os alunos - Começarei a aula por recordar os temas lecionados na aula anterior tais como: .o presépio e a sua representação e também os símbolos de natal; - De seguida distribuirei uma imagem, com os símbolos de natal, para cada aluno colorir e concluir o cartaz sobre o Natal (iniciado na aula anterior). Enquanto os alunos pintam a imagem colocarei música de fundo natalícia e tentaremos cantar aquela com que os alunos se identificarem melhor.	Imagens com os símbolos de Natal para colorirem; Computador	10 m 15 m 25 m 10 m	Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; Avaliação qualitativa dos trabalhos realizados;

Prof. Sónia Cunha

Nota importante: dada a especificidade do trabalho realizado no âmbito desta Prática de Ensino Supervisionada, não foi possível estabelecer pontes de diálogo interdisciplinar com outras disciplinas, no entanto é possível interdisciplinaridade com:

- Professora Titular de Turma – Textos sobre a temática do Natal.
- AEC Educação Musical – entoação de músicas de Natal.
- AEC Expressões – ilustração de desenhos alusivos ao Natal.

3.4. Aula nº 4 – Descobrir que Jesus nos ensina e ser bondosos – elaboração do Postal de Natal

O grande objetivo proposto para esta aula, descobrir que Jesus nos ensina a ser bondosos. E como esta é a última aula antes de entrar em interrupção letiva, vou propor aos alunos que através de ações (ser amigo, simpático, prestável, cortez com os outros) celebremos o nascimento de Jesus elaborando um postal de Natal para oferecer à família.

Começaremos por recordar os conteúdos abordados nas aulas anteriores:

- O domingo anterior a esta aula foi o segundo domingo do advento, então a nossa coroa do advento já tem duas velas acesas. Neste momento encontramos-nos a meio da caminhada até ao Natal.
- Nas tradições de Natal: construímos a nossa árvore de Natal, recordamos a história do nascimento de Jesus e elaboramos as personagens que fazem parte do presépio.

Natal é tempo de amor e aquele menino que se encontra nas palhinhas é o menino Jesus que nasceu para nos mostrar o amor ao próximo e que devemos ter amor nos nossos corações. O Natal faz crescer em nós a alegria e a felicidade, e por isso o Natal é a festa do amor que levamos aos outros. Em Portugal temos a tradição de reunir as famílias e realizar a ceia de Natal, aqui reina a alegria e a felicidade.

Será então pedido aos alunos uma ação para mostrar o amor que eles têm no coração. Para isso vão colorir um postal de Natal com todas as imagens que foram trabalhadas nas aulas de EMRC e levarem a alegria e felicidade que sentiram à família e amigos.

E como as canções de Natal ajudam-nos a exprimir a nossa felicidade, desenvolvendo o prazer de aprender e educar a emoção, por ter nascido Jesus vamos cantar uma música de Natal tradicional em Portugal que se chama “Natal de Elvas”. Esta também foi uma das músicas que eles cantaram na festa de natal que realizaram na comunidade escolar.



Plano de Aula 4

Unidade Letiva: Jesus Nasceu Aula nº 4 de 5	Ano: 1.º Turma: 1 Data: 9 de dezembro de 2014 Duração: 60 minutos
---	---

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
No início da aula: - Acolhimento aos alunos - Os alunos mantêm os mesmos lugares sentados, estipulados pela professora titular, de modo a realizarem com sucesso as atividades propostas. - Serão relembradas as regras que devem cumprir dentro da sala de aula.				Imagens / Postal para colorir	60 m	
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. J. Descobrir a simbólica cristã. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus. 2. Conhecer os símbolos cristãos do Natal. 3. Descobrir que Jesus nos ensina a ser bondosos.	- Símbolos do advento; - Os símbolos do Natal: a estrela, os anjos, os sinos. - O presépio, que mostra Jesus, Maria e José, é a representação do Natal; - Jesus, aquele que nos veio dizer que Deus é amor e que devemos amar os outros. - Celebração do nascimento de Jesus através de ações: .ser amigo, simpático, prestável, cortez com outros;	. Interação permanente com os alunos - Começarei a aula por recordar as aulas anteriores. Tópicos a desenvolver: +começarei por recordar que o domingo passado foi o segundo domingo do advento e foi acesa uma segunda vela na coroa do advento. (estamos a meio da nossa caminhada até ao Natal); +recordaremos a história do nascimento de Jesus e das personagens que fazem parte da composição do presépio; +elaboramos o nosso pinheiro, uma das tradições de Natal. Aquele menino que nasceu nas palhinhas é Jesus, que nos veio mostrar o amor de Deus. Também nos ensinou nos devemos amar uns aos outros. Por isso o Natal é tempo de amor. Perguntar: - Achar que Jesus fica contente se não tivermos amor nos nossos corações?		10 m 15 m 15m	Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; Avaliação qualitativa dos trabalhos realizados;

		participar nas festas de Natal, em família e em comunidade.	<p>O Natal faz crescer em nós a alegria e a felicidade, e o Natal é uma festa de amor e o amor que levamos aos outros, por isso em Portugal temos a tradição de reunir as famílias na ceia de natal. Aqui reina a alegria e a felicidade.</p> <p>- Será distribuído, aos alunos, um postal para colorir com imagens sobre o tema e com uma fotografia dos trabalhos realizados nas aulas de Educação Moral Religiosa Católica para assim levarem a alegria e a felicidade à família e amigos.</p> <p>E como as canções de Natal ajudam-nos a exprimir a nossa felicidade, por ter nascido Jesus, vamos cantar uma música de natal do nosso país "Natal de Elvas".</p>	<p>Fotocopias do postal de Natal para colorirem</p> <p>Computador</p>	<p>15 m</p> <p>5 m</p>	
--	--	---	---	---	------------------------	--

Prof. Sónia Cunha

Nota importante: dada a especificidade do trabalho realizado no âmbito desta Prática de Ensino Supervisionada, não foi possível estabelecer pontes de diálogo interdisciplinar com outras disciplinas, no entanto é possível interdisciplinaridade com:

- Professora Titular de Turma – Textos sobre a temática do Natal.
- AEC Educação Musical – entoação de músicas de Natal.
- AEC Expressões – ilustração de desenhos alusivos ao Natal.

3.5. Aula nº 5 – Os três Reis Magos

A aula número cinco é a primeira aula do início do segundo período e a última aula desta unidade letiva. O tema proposto é dos “Reis Magos” e a aula irá ser precisamente no dia de Reis (6 de janeiro). Terá todo o sentido a aula começar pela exposição por parte dos alunos como viveram a época natalícia, uma vez que nesta faixa etária é comum os alunos gostarem de contar as suas histórias. Também recordaremos as aulas anteriores, e começarei pela primeira aula, onde vamos rever o calendário para assinalar o dia 6 de janeiro – o dia de Reis. Recordarei a história do nascimento de Jesus, colocando as imagens no quadro conduzindo o diálogo com os alunos que a história está incompleta e falta a visita dos Reis Magos ao menino Jesus. A história será novamente dramatizada mas agora já a temos completa pois os Reis Magos chegaram e visitaram o menino Jesus oferecendo presentes. Também já podemos concluir o presépio colocando as três imagens dos três reis magos.

O Natal faz crescer em nós a alegria e felicidade, e o Natal é uma festa de amor que levamos aos outros, por isso, manda a tradição que neste dia (véspera de Reis – 5 de janeiro) as famílias se voltem a reunir para celebrar o fim dos festejos do Natal. Começa também neste dia o “cantar de reis”, em que grupos de pessoas vão pelas portas cantar os reis, que são canções tradicionais acompanhadas por instrumentos tradicionais e relatam a vida de Jesus, assim como, saudações à família e donos da casa.

Na aula também vamos cumprir essa tradição, para isso os alunos vão colorir cada um a sua coroa de reis e cantar uma música tradicional “Os três Reis Magos”.



Plano de Aula 5

Unidade Letiva: Jesus Nasceu Aula nº 5 de 5	Ano: 1.º Turma: 1 Data: 6 de janeiro de 2015 Duração: 60 minutos
---	--

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
No início da aula: - Acolhimento aos alunos - Os alunos mantêm os mesmos lugares sentados, estipulados pela professora titular, de modo a realizarem com sucesso as atividades propostas. - Serão lembradas as regras que devem cumprir dentro da sala de aula.				Imagens; coroa de reis para colorir e computador;	60 m	
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. J. Descobrir a simbólica cristã. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus. 2. Conhecer os símbolos cristãos do Natal. 3. Descobrir que Jesus nos ensina a ser bondosos.	- A história do Natal, relatos bíblicos do nascimento de Jesus: Lc 2, 1-20; Mt 2, 1-12. - Jesus, aquele que nos veio dizer que Deus é amor e que devemos amar os outros. - Celebração do nascimento de Jesus através de ações: .ser amigo, simpático, prestável, cortez com outros; .participar nas festas de Natal, em família e em comunidade.	- Interação permanente com os alunos - Começarei a aula por perguntar aos alunos como correu a interrupção letiva natal e o modo como festejaram o natal. - Recordarei o calendário, já utilizado na primeira aula, para assinalar o dia de reis que é precisamente o dia 6 de janeiro. - Recordaremos a história bíblica do natal mas será acrescentada e desenvolvida a parte em que os reis magos visitam o menino Jesus (de acordo com a proposta do manual do 1º ano) - O Natal faz crescer em nós a alegria e a felicidade, e o Natal é uma festa de amor e o amor que levamos aos outros, por isso, manda a tradição que neste dia (véspera de reis - 5 de janeiro) as famílias se voltem a reunir para celebrar o fim dos festejos de Natal. Começa também neste dia o cantar de reis, em que grupos de pessoas vão pelas portas Cantar os	- Imagem A3 do calendário letivo. - Folhas A4 com as imagens da história de Natal. - Coroa de Reis para colorir.	5 m 15 m 5 m 10 m 15 m	Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; Avaliação qualitativa dos trabalhos realizados;

		- Símbolo de natal: os reis magos (Baltasar, Belchior e Gaspar) e as tradições associadas a eles.	Reis que são canções tradicionais, acompanhadas de instrumentos tradicionais, da vida de Jesus e saudações à família e donos da casa. Nós na aula vamos também tentar cumprir essa tradição, para isso os alunos vão colorir, cada um, a sua coroa de reis e entoar uma música tradicional de reis "Os três Reis Magos".	- Computador	10 m	
--	--	--	---	--------------	------	--

Prof. Sónia Cunha

Nota importante: dada a especificidade do trabalho realizado no âmbito desta Prática de Ensino Supervisionada, não foi possível estabelecer pontes de diálogo interdisciplinar com outras disciplinas, no entanto é possível interdisciplinaridade com:

- Professora Titular de Turma – Textos sobre a temática do Natal.
- AEC Educação Musical – entoação de músicas de Natal.
- AEC Expressões – ilustração de desenhos alusivos ao Natal.

4. Avaliação da Unidade Letiva

A leção desta Unidade letiva teve início no dia 18 de novembro de 2014 às quinze horas e a sua conclusão no dia seis de janeiro de 2015. A Unidade letiva foi planificada para cinco tempos letivos de 60 minutos. As aulas foram observadas pela professora cooperante, Maria José Dias.

Ao realizar a planificação tive o cuidado de evidenciar a correção científica, a articulação horizontal e vertical e a contextualização dos conteúdos a lecionar e das decisões sobre as estratégias a utilizar. Todas as componentes curriculares estão presentes na planificação. Os objetivos e conteúdos foram definidos de modo a contribuir para o desenvolvimento dos alunos tendo em conta as metas de aprendizagem definidos para a Educação Moral Religiosa Católica pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã.

Na Planificação das aulas são descritas as estratégias de ensino e apresentados os recursos a utilizar para a concretização dos objetivos propostos e a aquisição dos conteúdos pelos alunos, o tempo previsto e os instrumentos de avaliação.

As estratégias, experiências de aprendizagem e recursos são diversificados e foram selecionados de modo a captar a atenção e o interesse dos alunos (calendário escolar, imagens diversificadas e apelativas, fichas de trabalho, mapa, materiais para a construção dos símbolos do Natal e músicas) e promover a participação ativa dos alunos.

Os conteúdos apresentam-se gradativos e como premissas para a construção de raciocínios lógicos que o aluno pode fazer relacionando-os com as suas vivências, tornando-se construtor do seu próprio conhecimento: A temática a abordar era à partida pertinente e cronologicamente bem enquadrada: Advento – Natal – Reis.

Na planificação também foram claras as indicações sobre o tempo necessário e previsto para os diferentes momentos da aula e as formas de avaliação das aprendizagens realizadas, na perspetiva das realizações do aluno e da sua participação.

No decurso das aulas cumprimos a planificação prevista, tendo o cuidado de evidenciar algumas rotinas já sistematizadas (saudações, em algumas aulas técnicas de concentração e explicando que seria a professora deles ao longo de cinco aulas).

As estratégias de ensino tiveram em conta as características dos alunos, na sua individualidade e no conjunto da turma que tem boas dinâmicas de participação e gostam muito da Área Curricular de EMRC. A disposição dos alunos na sala respeitou a planta definida pela professora Titular de Turma. Todas as aulas decorreram na

sequência das disciplinas curriculares pelo que não se justificou mudar os alunos de lugar, uma vez que é lá que têm todos os seus materiais.

Os alunos revelam boas capacidades de compreensão, aquisição e mobilização de saberes, além das características de comportamento próprias da idade, designadamente, o gosto em participar embora nem sempre o façam de forma organizada e nem sempre respeitam a participação dos colegas. De uma maneira geral são alunos motivados para as atividades e para a aquisição de novas aprendizagens.

Nestas aulas os alunos participaram com entusiasmo, pelo que controlei a boa participação não abdicando das regras quando surgiram incumprimentos, mas de um modo bem negociado, num tom de voz agradável, numa atitude amistosa e serena. Nos momentos em que os alunos estavam mais agitados e desconcentrados induzi à reflexão coletiva sobre os constrangimentos para a aula dessas atitudes, fazendo-o de um modo crítico, mas simultaneamente tolerante. Diversas vezes chamei à atenção numa forma direta ou indireta os alunos com maior dificuldade de atenção e concentração nas aulas.

Utilizei de um modo adequado, todos os materiais previstos.

Da minha parte houve uma preocupação em movimentar-me entre eles, acompanhando mais de perto o seu trabalho de pintura, recorte e colagem na realização dos trabalhos propostos esclarecendo dúvidas, quando solicitada.

Dado o nível de ensino, primeiro ano, procurei utilizar um vocabulário claro, correto e adequado aos alunos deste nível de ensino e todos os recursos foram apresentados de forma organizada e coerente com as aprendizagens pretendidas, permitindo que os alunos assimilassem os conteúdos com maior facilidade. Utilizei um tom de voz adequado, imprimindo dinamismo de modo a evitar “momentos mortos”.

Para sistematizar conhecimentos fiz uma síntese oral no final de cada aula ao mesmo tempo que afixava nos locais próprios o resultado dos trabalhos realizados.

Na lecionação das aulas estive sempre centrada nos alunos e a planificação foi simplesmente, o fio condutor para uma apresentação sistematizada dos conteúdos.

A minha lecionação penso que correu de forma muito positiva, pois terminei a unidade letiva com mais uma aluna inscrita. Facto este que mostrou, de alguma maneira, que os alunos gostaram e passaram a mensagem de tal forma que despertei o gosto pela disciplina mesmo naqueles alunos que ainda não a frequentavam.

Foram apenas cinco aulas, o que foi muito pouco para estabelecer ritmos de trabalho na turma, pois a continuar a lecionar teria de orientar as aprendizagens de modo a melhorar a participação mais organizada, assim como, melhorar o comportamento de alguns alunos.

CONCLUSÃO

Este trabalho resulta de uma pesquisa feita à volta do tema: A simbólica cristã da unidade letiva 2 “Jesus nasceu”, no 1º ano do 1º ciclo do programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

De acordo com o programa foi pertinente desenvolver um estudo à volta do símbolo e de como este está presente na nossa vida quotidiana principalmente na época natalícia. O símbolo é um elemento importante e essencial no processo de comunicação, é a linguagem mais acessível à criança, uma vez que é a linguagem dos sentidos e da afetividade.

A bibliografia utilizada é o resultado de uma pesquisa realizada sobre o tema. Tenho consciência que poderia ter utilizado outros autores e ter enriquecido ainda mais o trabalho. Mas ao mesmo tempo os autores que utilizei, e sobre os quais me debrucei, também me ajudaram muito na explicação e dissertação do tema que me propus. Permitiu a partir da investigação uma maior aprendizagem e amadurecimento de conceitos científicos.

A experiência de lecionação ajudou-me a ser mais exigente comigo própria na escolha e seleção dos recursos, a melhorar a definição de estratégias e metodologias permitindo um enriquecimento no processo ensino-aprendizagem. Para a concretização da unidade letiva foi necessário rigor na seleção dos recursos, uma vez que, lecionei de acordo com as novas metas de aprendizagem e o manual do 1º ano não estava de acordo com o novo programa de EMRC.

Todo o percurso e trabalho desenvolvido, foi positivo, enriquecedor e fez-me crescer como professora de EMRC.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada, PAULOS Editora, 5ª edição, 2004.

Documentos do Magistério da Igreja:

Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, Editorial A. O, Braga, 1979.

Concílio Ecuménico Vaticano II, *Declaração Gravissimum Educationis*, Editorial A. O, Braga, 1979.

Documentos Conferência Episcopal Portuguesa:

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral Religiosa Católica – um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, agosto 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a Escola em Portugal - Educação integral da Pessoa Humana*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2008.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002.

Bibliografia Geral:

ADRIANI, Maurilio, *História das Religiões*, Edições 70, 1988.

ALLEAU, René, *A ciências dos símbolos*, Edições 70, Paris, 1976.

AMENGUAL, Gabriel, *Antropologia Filosófica*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2007.

ARAGÓ, Mitjans, *Psicología religiosa del niño*, Barcelona, Herder, 1965.

ARRUDA CABRAL, Augusto Manuel (dir.), *Educação Moral Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Pastoral Catequética – Secretariado Nacional de Educação Cristã, 5, Maio-Agosto, 2006.

ÁVILA, Antonio, *Para conhecer a Psicologia da Religião*, Ed. Loyola, São Paulo, 2007.

BEE, Helen; BOYD, Denise, *A criança em desenvolvimento*, 12ª edição, Artmed Editora S.A., Porto Alegre, 2011.

BENITEZ, Laureano, *Educar aprender com valores*, Bookout, setembro 2014.

BRUNO, Maria José (coord.), *O Despertar Religioso – A descoberta da Espiritualidade da Criança dos 0 aos 6 anos*, Paulinas, 2007.

COUTO, António, *Homilia na noite de Natal*, Diocese de Lamego, 24 de dezembro de 2012.

CURY, Augusto, *Pais Brillhantes Professores Fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*, Pergaminho, abril 2014.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Círculo de Leitores, 1997, 9 – 31.

DAS NEVES, João César, *As figuras do presépio*, Lucerna, 2014.

DE LUBAC, Henri, *O Drama do Humanismo Ateu*, Bréscia, 1978.

DELORS, Jacques, *Educação um tesouro a descobrir*, 5ª edição, Edições ASA, 1999.

DUQUE, João, *Fé e Arte*, “Brotéria”, 152 (2001) 445-464.

FILORAMO, Giovanni, *Dicionário das Religiões – Cristianismo I e II*, Electa, 2011.

GOLDMAN, Ronald, *Religious thinking from childhood to adolescence*, Seabury Press, 1968.

GOLEMAN, Daniel, *Inteligência Emocional*, Temas e Debates, Lisboa, 1999.

GOMES, Miguel Ângelo, *O Ensino da Religião no Jardim de Infância – perspectivas cultural e confessional*, Universidade do Minho Estudos da Criança, Braga, 2002.

HOTYAT, Fernand, *Psicologia da criança e do adolescente*, Livraria Almedina, Coimbra, 1978.

JOÃO PAULO II, *Conhecer o património do cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica*. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião na Escola Pública. L'Osservatore Romano, ed. semanal em português, n.16, 21 de abril de 1991.

LEITÃO, Maria, *Psicologia*, manual do aluno 12º ano volume 2, Areal Editores, Porto.

MARDONES, José Maria, *La vida del símbolo*, Editorial SAL TERRAE Santander, 2003.

MARTINS AMATUZZI, Mauro, *Experiência Religiosa e Crescimento Pessoal: Uma Compreensão Fenomenológica*, “Revista de Estudos da Religião” 4 (2007) 101.

MARTINS AMATUZZI, Mauro, *O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica*, “Revista de Estudos de Psicologia” 17 (2000) 23.

MENDONÇA, José Tolentino, *O Hipopótamo de Deus, Quando as perguntas que trazemos valem mais do que as respostas provisórias que encontramos*, 3º edição, Paulinas, Outubro 2013.

MILANESI, Juan Carlos; ALETTI, Mario, *Psicologia de la Religion*, Ediciones don Bosco – CCS, Madrid, 1974.

MOITA, Fernando, *A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*, “Pastoral Catequética” 26, 53-74.

MONTEIRO, Manuela; SANTOS, Milice, *Psicologia*, manual do aluno 12º ano, Porto Editora, Porto, 1998.

OSER, Fritz e SCARLETT, George, *Religious development in Childhood and Adolescence*, San Francisco, Jossey-Bass, 1991.

PEREIRA LOPES, Acácio José (dir.), *A Beleza da Fé – Catequese e Escola*, Pastoral Catequética – Secretariado Nacional de Educação Cristã, 27, Setembro-Dezembro, 2013.

PEREIRA LOPES, Acácio José (dir.), *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica «Descobrir a Solidez da Fé: Testemunho e Missão do Professor de EMRC»*, Pastoral Catequética – Secretariado Nacional de Educação Cristã, 26, Maio-Agosto, 2013.

PEREIRA LOPES, Acácio José (dir.), *Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro*, Pastoral Catequética – Secretariado Nacional de Educação Cristã, 23, Maio-Agosto, 2012.

PINHEIRO TEIXEIRA, João António, *Afinal é sempre natal*, Edições Salesianas, 2014.

RATZINGER, Joseph / Bento XVI, *Jesus de Nazaré Prólogo - A Infância de Jesus*, Principia, 2012.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES, Regulamento Interno, 2014.

RODRIGUES, Luís, *Psicologia*, volume3 1, manual do aluno 12º ano, Plátano Editora, Lisboa, 2001.

SARAIVA MARTINS, José, *A Igreja nos alvares do terceiro milénio – Reflexões Teológico-Pastorais*, Paulinas, 2001.

SARAIVA, José António, *A espada e a Cruz*, “Jornal Semanal Expresso”, 12 de maio de 2001, 22.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *A Pérola*, manual do professor de EMRC, 1º ano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2009.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, manual do professor de EMRC, 6º ano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2009.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, 2014.

SILVA NUNES, Tomás, *Na introdução ao Programa de EMRC*, SNEC, 2007.

VARANDA, Isabel, *Na noite mora a promessa – uma espiritualidade para a vida comum*, Paulinas, 2014.

VERHACK, Etienne, *A Missão dos Educadores Cristãos: “Caminhar como árvores”*, “Pastoral Catequética”²⁷, 99-111.

VIANELLO, Renzo, *Ricerche psicologiche sulla religiosità infantile*, Firenze, Giunti Barberá, 1976.

ZILLES, Urbano, *A significação dos símbolos Cristãos*, Edipucrs, Porto Alegre, 1996.

NetGrafia

Isabel VARANDA, *A presença de Maria na Igreja*, V Ciclo de Conferências, Santuário de Fátima, dezembro de 2014, (<http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=89214> (consultado no 15/01/2014)).

Arautos do Evangelho – significado e origem do Advento, <http://www.arautos.org/view/show/5717-advento-significado-e-origem> (consultado em 17/11/2014).

ABC da Catequese – sobre o Advento e o Natal,
<http://www.abcdacatequese.com/> (consultado em 17/11/2014).

Dicionário dos Símbolos, Símbolos do Natal,
<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-natal/> (consultado em 11/05/2015).

Papa Francisco na inauguração da maior árvore de natal
<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/italia-papa-acendeu-luzes-da-maior-arvore-de-natal-do-mundo/> (consultado em 09/03/2015).

Papa Francisco, Carta Encíclica *Lumen Fidei*,
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html (consultado em 26/04/2015).

ANEXOS

Os recursos que se apresentam agora foram usados na lecionação da unidade letiva, estes anexos integram uma globalidade de anexos que poderão estar mais completos no Dossier de Estágio.

ANEXO I – AULA Nº 1

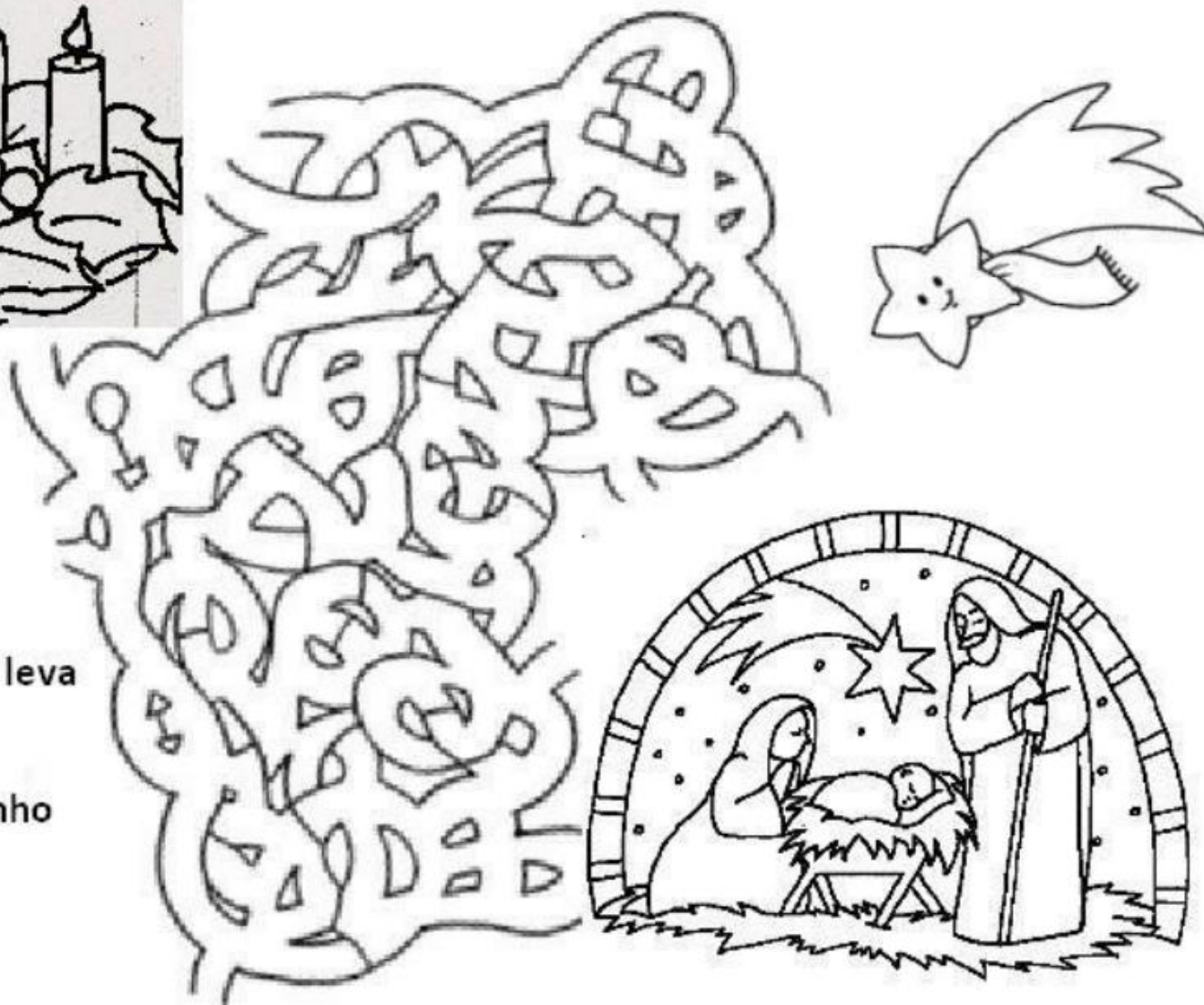
Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Calendário Escolar 2014/2015

	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Sábado			1							
Domingo			2			1	1			
2.ªf	1		3	1		2	2			1
3.ªf	2		4	2		3	3			2
4.ªf	3	1	5	3		4	4	1		3
5.ªf	4	2	6	4	1	5	5	2		4
6.ªf	5	3	7	5	2	6	6	3	1 Feriado	5 Fim 3ºP 6.ª/6.ª/11.ª e 12.ª
Sábado	6	4	8	6	3	7	7	4	2	6
Domingo	7	5	9	7	4	8	8	5 Páscoa	3	7
2.ªf	8	6	10	8 Feriado	5 Início 2ºP	9	9	6	4	8
3.ªf	9	7	11	9	6	10	10	7 Início 3ºP	5	9
4.ªf	10	8	12	10	7	11	11	8	6	10 Feriado
5.ªf	11	9	13	11	8	12	12	9	7	11
6.ªf	12	10	14	12	9	13	13	10	8	12 Fim 3ºP 1.ª/7.ª/8.ª e 20.ª
Sábado	13	11	15	13	10	14	14	11	9	13
Domingo	14	12	16	14	11	15	15	12	10	14
2.ªf	15	13	17	15	12	16	16	13	11	15
3.ªf	16	14	18	16 Fim 2ºP	13	17 Carnaval	17	14	12	16
4.ªf	17	15	19	17	14	18	18	15	13	17
5.ªf	18	16	20	18	15	19	19	16	14	18
6.ªf	19	17	21	19	16	20	20 Fim 2ºP	17	15	19
Sábado	20	18	22	20	17	21	21	18	16	20
Domingo	21	19	23	21	18	22	22	19	17	21
2.ªf	22	20	24	22	19	23	23	20	18	22
3.ªf	23	21	25	23	20	24	24	21	19	23
4.ªf	24	22	26	24	21	25	25	22	20	24
5.ªf	25	23	27	25 Natal	22	26	26	23	21	25
6.ªf	26	24	28	26	23	27	27	24	22	26
Sábado	27	25	29	27	24	28	28	25 Feriado	23	27
Domingo	28	26	30	28	25		29	26	24	28
2.ªf	29	27		29	26		30	27	25	29
3.ªf	30	28		30	27		31	28	26	30
4.ªf		29		31	28			29	27	31
5.ªf		30			29			30	28	
6.ªf		31			30				29	
Sábado					31				30	
Domingo									31	



Caminho do Advento



Descubra o caminho que leva até o Natal.

Pinte o caminho e os outros desenhos.

Resultado final da aula nº 1: Coroa do Advento afixada na entrada da porta da sala do 1º ano.



ANEXO II – AULA Nº 2



História do Nascimento de Jesus de acordo com o Manual de EMRC do 1º ano proposto pelo SNEC.

Maria e José tinham de ir a Belém.
Mas Maria estava grávida...

Ainda faltam
três dias para
chegarmos
a Belém!



Maria sentia que o Bebê estava para nascer.
Tinham de encontrar um lugar... Depressa!

Haverá lugar
para nós, aqui,
em Belém?



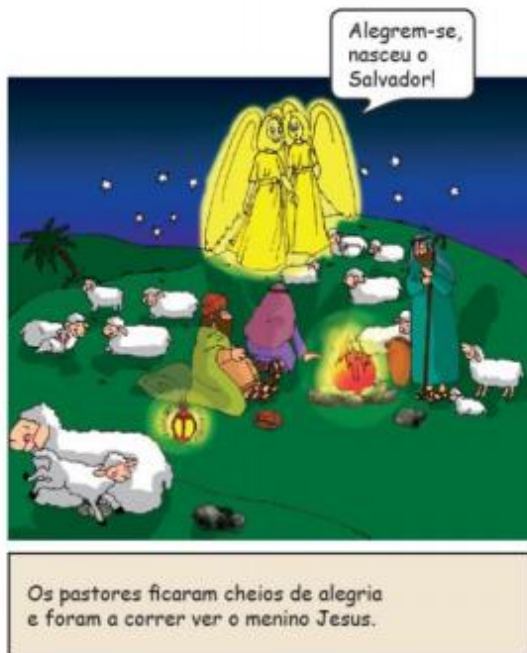
Não temos
lugar.



Não havia mais lugar onde dormir!
Viram uma gruta ali ao pé.



E, nessa gruta, nasceu Jesus!



Os pastores foram contar a todos que Jesus tinha nascido.



Num país distante, uns sábios viram uma estrela muito brilhante. Perceberam que tinha nascido um menino especial. Puseram-se a caminho e foram adorá-lo.

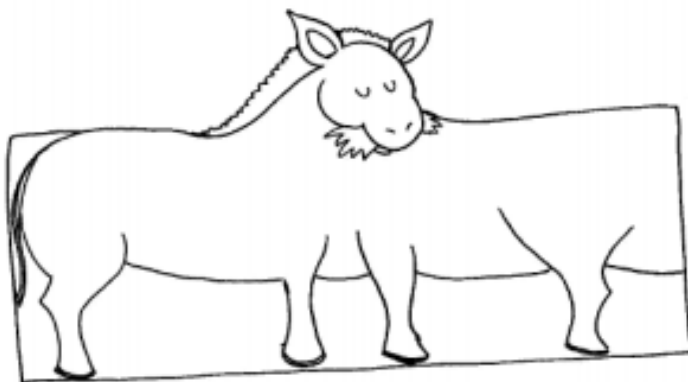
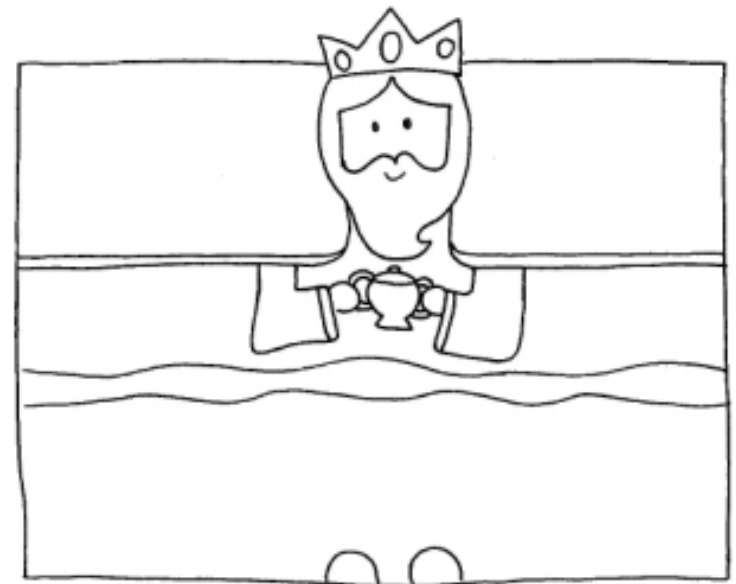


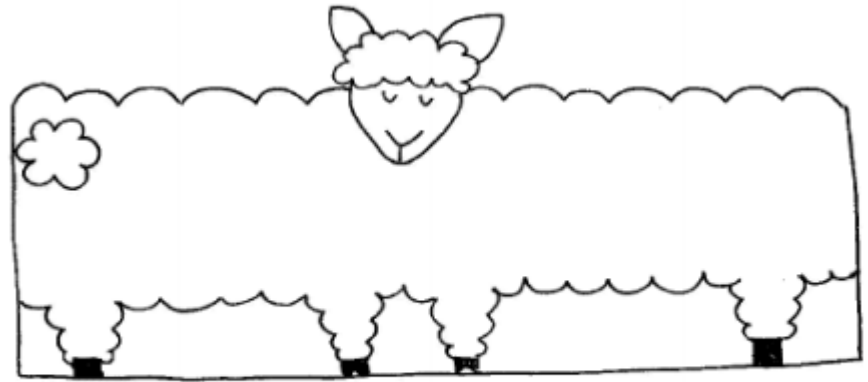
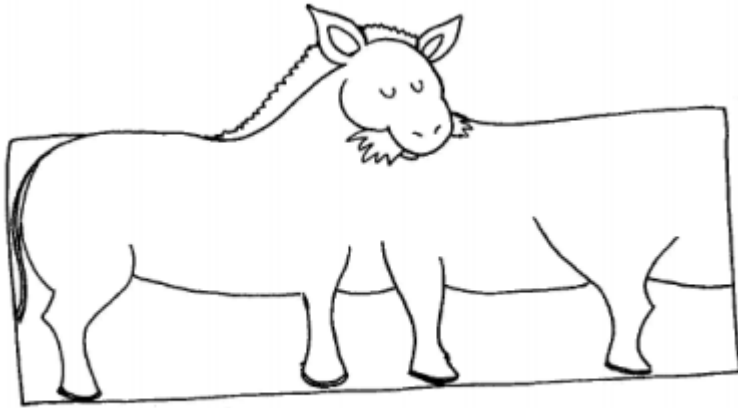
Os sábios ofereceram a Jesus ouro, incenso e mirra.

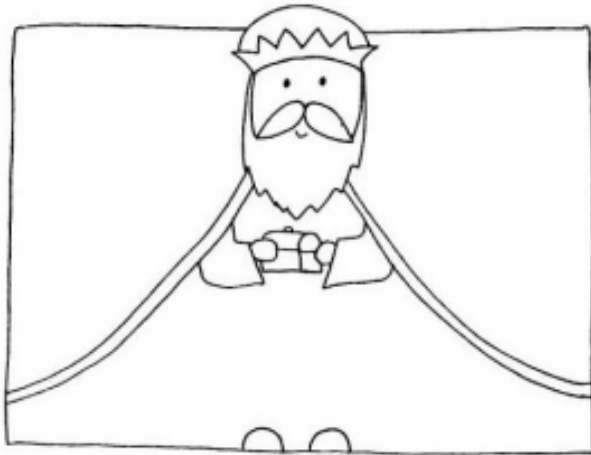
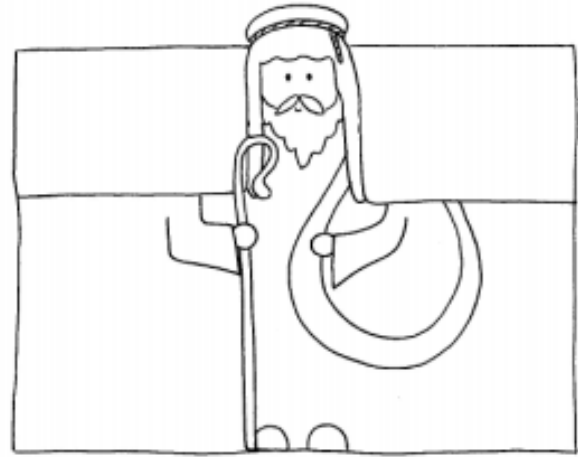
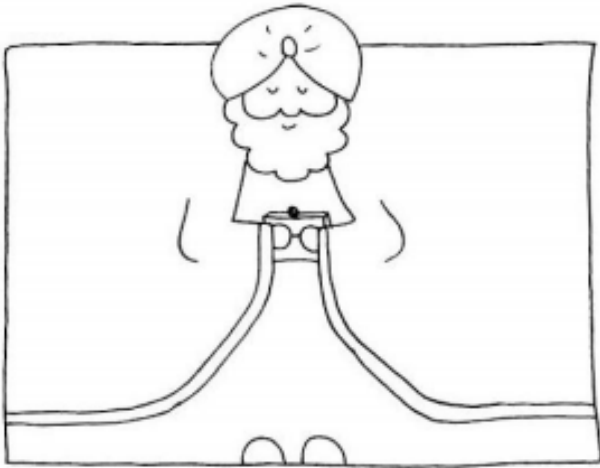


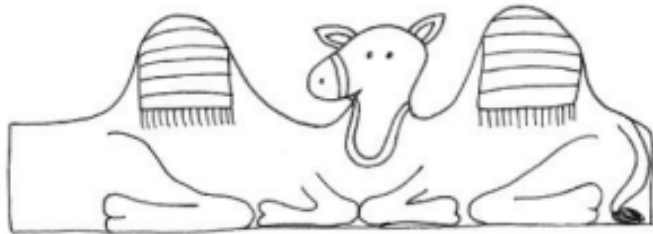
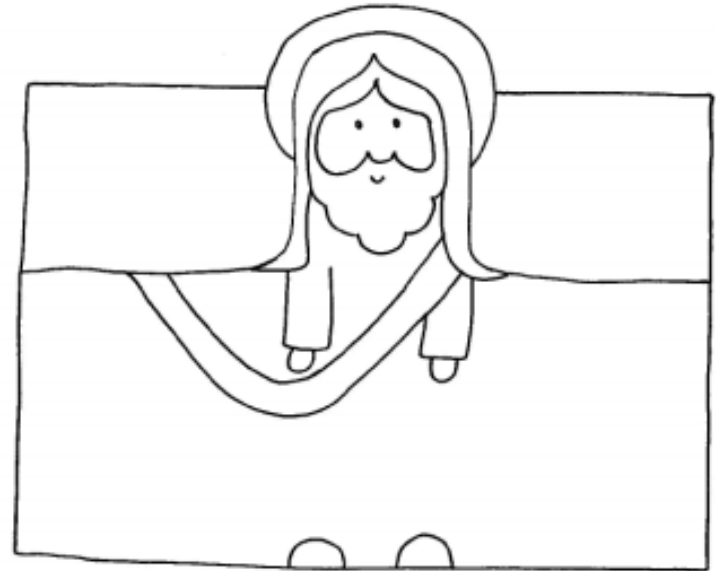
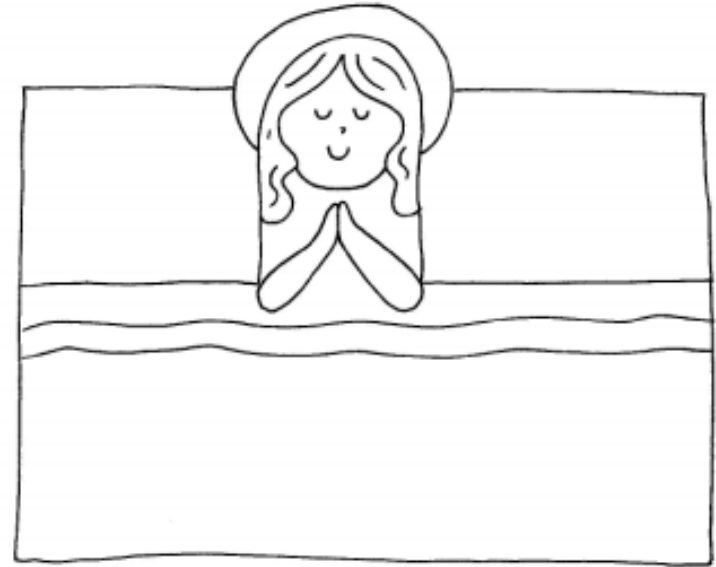
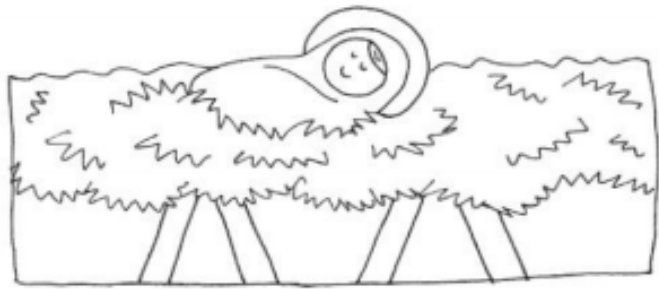
Nome _____

ANEXO III – AULA Nº 3









Resultado final da aula nº 3 – Elaboração do Presépio e decoração da árvore de Natal.



ANEXO IV – AULA Nº 4



Nome: _____

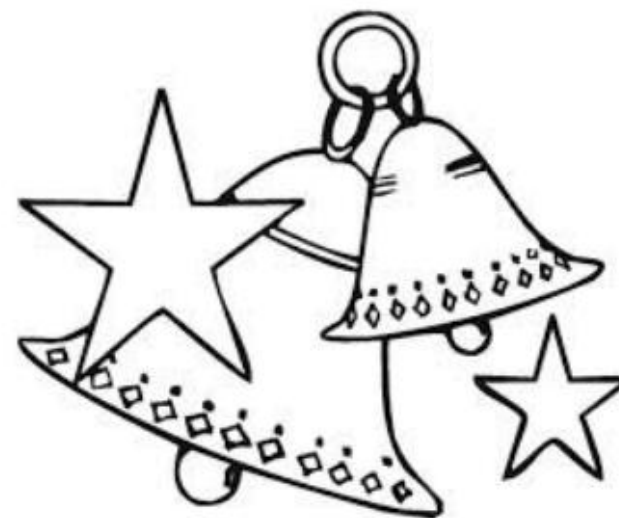
Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica



Feliz Natal



"Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura." (Lc2,11-12)



Natal de Elvas

Natal

Eu hei-de dar ao Menino
Uma fitinha pró chapéu
E ele também me há-de dar
Um lugarzinho no céu.

Olhei para o céu
Estava estrelado
Vi o Deus Menino
Em palhas deitado.
Em palhas deitado,
Em palhas estendido,
Filho duma rosa,
Dum cravo nascido!

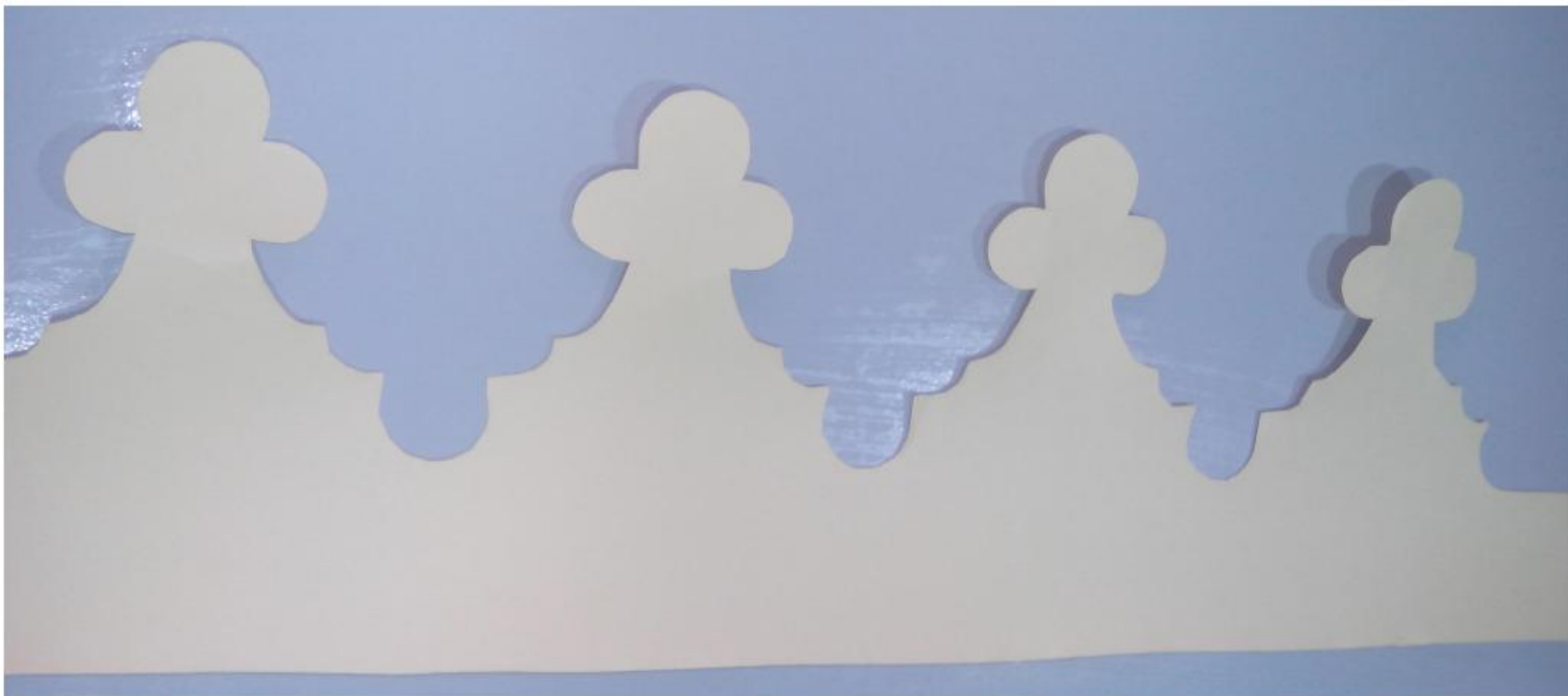
Arre , burriquito ,
Vamos a Belém,
A ver o Menino
Que a senhora tem ;
Que a senhora tem,
Que a senhora adora
Arre burriquito,
Vamo-nos embora.

Canções de Natal – Canções Tradicionais para Crianças

Edições Convite à Música

ANEXO V – AULA Nº 5

Molde da Coroa de Reis



Os três Reis Magos

Nós somos os três reis
Que vimos do Oriente
Trazer as boas festas
Com paz p'ra toda a gente.

Nós somos os três reis
Guiados por uma luz
Adoramos o Deus Menino
Que se chama Jesus.

Nós somos os três reis
Baltazar e Gaspar
Também o Belchior
O veio adorar.

Nós somos os três reis
Guiados por uma luz
E trouxemos três presentes
P'ro Menino Jesus.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YhIZ1tgXFhQ>

Resultado final da aula nº 5 – já todos prontos para cantar os Reis

